

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ÉRICA FERNANDA ORTEGA

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA (EAP) EM DIVERSAS  
SINCRONIAS DO PORTUGUÊS: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE DO VERBO-  
SUPORTE *TOMAR* NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Maringá - PR

2010

ÉRICA FERNANDA ORTEGA

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA (EAP) EM DIVERSAS  
SINCRONIAS DO PORTUGUÊS: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE DO VERBO-  
SUPORTE *TOMAR* NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.**  
MARIA REGINA PANTE

MARINGÁ - PR

2010

ÉRICA FERNANDA ORTEGA

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA (EAP) EM DIVERSAS  
SINCRONIAS DO PORTUGUÊS: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE DO VERBO-  
SUPORTE *TOMAR* NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. MARIA REGINA PANTE

Presidente da banca - orientadora (PLE-UEM)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. ELÓDIA CONSTANTINO ROMAN

Membro convidado (UEPG)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. NEIVA MARIA JUNG

Membro do corpo docente (PLE-UEM)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois, sem Ele, nada disso seria possível, e à Nossa Senhora, pela poderosa intercessão nos momentos mais difíceis;

À minha família, pelo apoio e incentivo;

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Pante, pelas contribuições, pela paciência e por todas as vezes que solucionou rapidamente as minhas dúvidas;

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina J. Hintze e ao Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio, por todos os ensinamentos e pelo auxílio na fase da escrita da Dissertação;

Aos meus professores da Graduação, em especial, o Professor Dr. Edson Carlos Romualdo, a Prof<sup>a</sup> Ms. Jaqueline O. Botassini e o Prof. Dr. Aécio Flávio de Carvalho, por todos os ensinamentos, não só acadêmicos, como também para a vida;

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Neiva Maria Jung e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Elódia Constantino Roman, pela prontidão em atender nosso convite para participarem dessa Banca de Avaliação;

A todos os meus amigos que direta ou indiretamente me ajudaram e acreditaram que isso seria possível.

**“Por maior que seja a carniça, um dia ela acaba  
e, então, os corvos se dispersam.  
Mas onde há o amor e a misericórdia  
é exatamente o inverso: muitos vão se achegando.  
Até aqueles acostumados com a crueldade  
dar-se-ão conta de que a misericórdia “cheira melhor”.  
Ela pode até não aparecer tão bem “empacotada”,  
mas, que tem um conteúdo diferenciado, tem.”**

**(Pe. Alir Sanagiotto, SCJ.)**

## **RESUMO.**

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a Estrutura Argumental Preferida (EAP) em diversas sincronias do português. A análise baseou-se nos estudos sobre a EAP, bem como nas características próprias do verbo-suporte, dando ênfase ao verbo-suporte *tomar* em textos dos séculos XIII a XVI. Escolheu-se um único verbo por considerar que dessa forma a análise se torna mais precisa, uma vez que são muitos os verbos possíveis de realizar essas construções-suporte. A pesquisa se justifica por essas construções não serem um tema muito trabalhado atualmente, principalmente relacionado à EAP. Com relação à EAP, observou-se, especialmente, a transitividade dos verbos, quais os argumentos exigidos por eles e quais desses argumentos se encontravam lexicalizados. A respeito dos verbos-suporte, observou-se a detransitivização dos verbos, a relativização, a caracterização do sintagma nominal (SN) e a ordem inversa que às vezes apresentam. Por fim, foram comparados os resultados obtidos na análise das sincronias anteriores com os estudos já existentes com outros verbos do português atual.

**Palavras-chave:** Gramaticalização, Estrutura Argumental Preferida, Verbo-suporte, *tomar*, Estudos Diacrônicos.

## **ABSTRACT.**

This study had the purpose of studying the Preferred argument structure (PAS) in various synchronicities of Portuguese. The analysis was based on studies of the PAS as well as the characteristics of the support-verb, stressing the support-verb *tomar* texts from thirteenth to sixteenth centuries. It was chosen by considering a single verb that way the analysis becomes more precise, since there are many verbs to make these buildings possible-support. The research is justified by these constructs are not a subject much worked today, especially concerning the PAS. The analysis was based on studies of the Preferred argument structure (PAS) as well as the characteristics of verbs-support. With respect to the PAS, it was observed, especially, the transitivity of verbs, the arguments required by them and which of these arguments were lexicalized. Concerning the verbs-support, it was observed “detransitivização” of verbs, relativization, the characterization of the noun phrase (SN) and the reverse order that sometimes present. Finally, we compared the results obtained from analysis of phases previous with existing studies of the Portuguese today.

**Keywords:** Grammaticalization, Preferred argument structure, support-verb, *tomar*, diachronic study.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>1. Funcionalismo e gramaticalização .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 O conceito de verbo-suporte .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 O verbo <i>tomar</i>: etimologia e definições .....</b>	<b>23</b>
<b>2. Fluxo de informação e Estrutura Argumental Preferida (EAP).....</b>	<b>29</b>
<b>3. Material e metodologia .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Material.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 Procedimentos analíticos .....</b>	<b>34</b>
<b>4. Análise dos <i>corpora</i> em diversas sincronias.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 Os textos orais .....</b>	<b>36</b>
<b>4.2 O verbo-suporte <i>tomar</i> em sincronias anteriores.....</b>	<b>51</b>
<b>4.3 Discussão dos dados .....</b>	<b>73</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>76</b>
<b>Referências .....</b>	<b>78</b>



## Introdução

A abordagem funcionalista tem como foco principal as formas de uso de uma língua por seus falantes, utilizadas para alcançar seus objetivos comunicativos. É relevante, também, a dinamicidade linguística: “A língua é considerada algo dinâmico, portanto sujeita a variações e mudanças” (Fragoso, 2003, s/p). Essa capacidade do falante adéqua a linguagem às necessidades comunicativas segundo os modelos de interação verbal.

Um dos processos abordados pela gramática funcional é a gramaticalização. Por meio desse processo, as construções sintáticas e os itens lexicais assumem novas funções visando atingir novas estratégias comunicativas. Isso ocorre devido à necessidade de uso que os falantes encontram em suas atividades diárias e que não são supridas pelas formas já existentes.

É nessa necessidade que encontramos as construções com verbo-suporte. Nem sempre os verbos plenos atingem todos os objetivos interacionais, fazendo-se necessária a criação de um novo mecanismo de fala.

Ainda não há muitos trabalhos sobre essas construções-suporte. No português brasileiro, temos Vieira (2001) e Scher (2004). No francês, destacam-se Chaurand (1983) e Giry-Schneider (1987). De maneira geral, as considerações feitas por Neves confirmam-se em outras línguas neolatinas. Chacoto (1997) e Ranchhod (on-line) pesquisaram *corpora* medievais da língua portuguesa e Mattos e Silva (2002), em análise de obras de João de Barros, descreveu o emprego variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas que expressavam noção de posse no português do século XVI.

Temos estudado as construções-suporte também em nosso grupo de pesquisa: Conejo (2008) fez sua dissertação sobre o verbo-suporte *fazer* na língua portuguesa, também sob a orientação da Professora Doutora Maria Regina Pante. Pretendemos ampliar os horizontes dos estudos desses tipos de construção e contribuir, de forma mais ampla, para as pesquisas em descrição linguística, especialmente em uma perspectiva diacrônica.

Selecionamos, então, neste trabalho, o verbo-suporte *tomar*, pois sabemos que já existem construções-suporte com outros verbos e a escolha por apenas um torna os resultados mais precisos. Além disso, esse verbo-suporte não tem sido estudado, o que justifica sua escolha pelo caráter inédito.

Dessa forma, buscamos observar a Estrutura Argumental Preferida (EAP) desse verbo, na fase arcaica do português. Essa estrutura, segundo Du Bois (1985, *apud* ANTONIO, 1998, p. 28), “não é uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática”, ou seja, a forma como o falante prefere dispor do verbo e seus argumentos.

Nesta dissertação, objetivamos:

- observar a Estrutura Argumental Preferida (EAP) de diversos verbos nas construções-suporte na sincronia atual do português;
- analisar as características do verbo *tomar* nas construções-suporte do português arcaico;
- comparar os dados deste estudo com as pesquisas preexistentes do português atual (ANTONIO, 1998, ARAÚJO e CUNHA, 2007 e PEZATTI, 2002).

Este trabalho se divide em 5 partes, a saber:

A primeira apresenta o Funcionalismo e a Gramaticalização e está dividida em dois subitens: 1. “O conceito de verbo-suporte” e 2. “O verbo *tomar*: etimologia e definições.

A segunda parte teoriza sobre o Fluxo de Informação e a Estrutura Argumental Preferida, com base em pesquisas atuais sobre esse assunto.

A terceira apresenta os materiais utilizados e os procedimentos analíticos adotados para a obtenção dos dados.

A quarta parte apresenta as análises das estruturas do verbo *tomar* em construções-suporte no português arcaico e as compara com os dados apresentados pelas pesquisas atuais com outros verbos.

Finalmente, na quinta parte, trazemos as considerações finais acerca do que foi desenvolvido.

Dessa forma, objetivamos contribuir para os estudos de EAP e de verbo-suporte e abrir caminho para estudos posteriores.

## 1. Funcionalismo e Gramaticalização

O Funcionalismo linguístico contemporâneo concebe a linguagem como uma forma de interação social e interessa-se pela investigação baseada no contexto discursivo. Essa concepção se opõe à corrente estruturalista, para a qual somente era importante a estrutura gramatical. Os funcionalistas, por sua vez, buscam observar as regularidades dessa estrutura no processo interativo por meio da análise das condições discursivas nele envolvidas.

Em linhas gerais, o Funcionalismo trata da função dos meios linguísticos de expressão. A outra ligação existente entre funcionalistas e estruturalistas é a consideração do dinamismo da linguagem, pela qual as relações entre estrutura e função são vistas como instáveis, dada a força dinâmica que está por trás do constante desenvolvimento da linguagem.

Nos Estados Unidos, foi a partir da década de 1970 que o termo funcionalismo ganhou força, rotulando o trabalho de alguns linguistas, como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. Segundo Martelotta e Areas (2003, p. 23), esses linguistas “passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística”. Dessa forma, a sintaxe é uma estrutura em constante mudança, uma vez que sua forma varia em razão das estratégias utilizadas pelos falantes para organizar a informação durante a interação discursiva.

Neves (2004) apresenta alguns modelos de funcionalismo:

- Halliday se concentra no desempenho da linguagem na vida dos indivíduos: os enunciados são formulados pelas escolhas dos falantes, que se baseiam em intenções específicas;

- Givón (1995) não concebe a língua como autônoma “porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução” (NEVES, 2004, p.15);

- Coseriu apresenta uma proposta estruturalista, segundo a qual a língua é vista como uma estrutura de conteúdos, um sistema de funções;

- Dik foca a interação verbal dos usuários, a descrição linguística que se refere ao falante, ao ouvinte e a seus papéis na situação comunicativa.

Halliday pode ser considerado um linguista que adota a abordagem sociofuncional da linguagem, pois ele acrescenta a dimensão social à linguística. Essa ligação feita por ele se explica pelo seu interesse por Malinovski, antropólogo especialista da Polinésia, que considera a linguagem totalmente dependente da cultura.

Halliday trabalha ainda com a noção de escolha: a linguagem é um sistema de probabilidades:

A hipótese sobre a qual repousa a visão probabilística da linguagem para Halliday é que a escolha, consciente ou não, produto da vontade ou determinada pelo contexto e a cultura, implica o sentido. [...] Halliday insiste sobre o fato de que uma frase não se explica somente pela sua forma, mas depende sobretudo do contexto, imediato e amplo; e essa abordagem implica que os conhecimentos dos parâmetros do contexto permitem previsões das frases possíveis. (PAVEAU e SARFATI, 2006, p. 141).

As gramáticas funcionais pretendem ser aplicadas aos diversos tipos de língua, sendo necessário haver um equilíbrio entre o geral e o particular, pois se as descrições forem muito específicas, não será possível aplicá-las a outras línguas e, se forem muito gerais, encobrirão as peculiaridades da língua (NEVES, 1997).

Bühler (psicólogo alemão) influenciou a linguística de Praga, fazendo-a diferir das outras escolas estruturalistas existentes na Europa. Para ele, a função era um elemento essencial à linguagem, contrariando Saussure, que focava a distinção entre *langue* e *parole*.

Nichols (1984) também menciona a importância da função e dos seus distintos significados:

Todos os sentidos do termo de certa forma se relacionam, por um lado à dependência de um elemento estrutural com elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não-estrutural) e, por outro lado, ao papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento. (*apud* MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 18 e 19).

Ainda segundo Nichols (1984, *apud* ANTONIO, 1998), as correntes funcionalistas podem ser classificadas em três modelos: funcionalismo conservador, funcionalismo extremado e funcionalismo moderado. A proposta do funcionalismo conservador é rechaçar a inadequação do formalismo, não apresentando, porém, um novo modelo de análise. No funcionalismo extremado, há uma rejeição às regras sintáticas, limitando a gramática ao discurso. O funcionalismo moderado, contudo, aponta os equívocos do formalismo e propõe um modelo de análise conforme os parâmetros funcionais.

O que caracterizou as análises funcionalistas dos linguistas de Praga foi o fato de utilizarem uma noção teleológica de função: “Para eles a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim”. (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 19).

Há uma relação de interdependência entre os eixos sintático e pragmático, pois, segundo Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29), “Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso”.

Essa relação estabelecida entre forma e função, expressão e seu conteúdo, denomina-se iconicidade. A iconicidade é regida pela inexistência de arbitrariedade na relação entre forma e função linguística, relação que está pautada na naturalidade. Para Haiman (1985), a *motivação* icônica pode ser definida “como o paralelismo existente entre, de um lado, a relação das partes numa estrutura lingüística e, de outro lado, a relação das partes na estrutura daquilo que é significado”. (*apud* NEVES, 1997, p. 103 e 104).

Em geral, supõe-se “que a estrutura lingüística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana”. (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2003, p. 30). A origem das discussões envolvendo a motivação entre expressão e conteúdo na língua se encontra na Antiguidade Clássica, em que os filósofos gregos se dividiam entre convencionalistas (tudo na língua resultava da tradição e do costume) e naturalistas (as palavras eram apropriadas por natureza às coisas que elas significavam).

A informatividade, por outro lado, refere-se ao que é compartilhado pelos interlocutores durante a interação, e a comunicação é estabelecida para informar sobre algo ou manipular o seu interlocutor. As informações podem possuir duas partes: a nova, denominada **rema**, e a velha, denominada **tema**. Por exemplo: Quem lhe deu este

presente? Joãozinho me deu este presente. Aqui percebemos que a informação nova, o rema, é Joãozinho, e o restante é o tema, pois já foi anteriormente exposto.

Na linguística funcional, a informatividade é abordada a partir da classificação semântica e da codificação de referentes no discurso, “demonstrando que a forma como um referente é apresentado no discurso é determinada por fatores de ordem semântico-pragmática”. (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2003, p. 44). Ou seja, a escolha do uso de elementos como sintagmas nominais elípticos ou a retomada deles por um pronome, por exemplo, é uma questão retratada pelo tema *informatividade*.

A gramaticalização é um dos principais processos abordados pelo funcionalismo, pois ela reflete a influência do sistema gramatical no funcionamento discursivo. Alguns autores encontram dificuldades para definir o termo gramaticalização, difundido no final da década de 1980. Lehmann (1995, *apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007) usa a definição de Kurilowicz, concebendo a gramaticalização como um processo de morfologização, podendo mudar um item do estatuto lexical para o gramatical, ou gramaticalizar ainda mais aqueles que já o eram.

Paul (1886, *apud* SOUZA, 2007) traz importantes contribuições aos estudos sobre mudança linguística:

[...] baseia-se, como vimos, na natureza da evolução da língua, o facto de se formarem em nós continuamente uma pluridade de palavras, formas e construções equivalentes. Uma das causas deste fenómeno é a formação por analogia; podemos considerar como segunda causa uma evolução semântica convergente de vários lados, como terceira acrescentaremos a adopção duma palavra estrangeira para uma noção já representada por uma palavra da língua materna [...]. Mas o aparecimento duma tal abundância, se é inevitável, é também incapaz de se manter por muito tempo. A língua não tende para o luxo (PAUL, *apud* SOUZA, 2007, p. 17).

Paul (1886) indica como solução para a remoção desse “luxo” o desaparecimento das várias formas existentes, ocasionado pela predominância de uma delas, que seria conservada. Segue pelo mesmo caminho a teoria de Labov, na qual alguns linguistas se baseiam para adotar a Teoria da Variação e Mudança. Segundo essa teoria, quando há variação linguística, uma das formas pode prevalecer sobre as demais, resultando na mudança.

Gabelentz (1891, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2006) foi um importante neogramático e responsável pela primeira formulação clara sobre a gramaticalização. Para ele, a criação de itens gramaticais é recorrente em todas as línguas e se faz a partir do “desgaste” de palavras independentes.

Deu-se a Meillet, porém, o título de pioneiro a definir e a justificar a gramaticalização como um tópico importante em linguística. Segundo Meillet (1912), ela consiste na “atribuição progressiva de caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma”. (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1772). Segundo Hintze (2003), este autor, em seu artigo “L’*évolutions des formes grammaticales*”,

sugere serem dois os processos responsáveis pelo surgimento de novas formas gramaticais: i) a analogia – formação de novos paradigmas, por mutação, a partir de formas já existentes ii) gramaticalização – uma palavra autônoma torna-se elemento gramatical.

A analogia não modifica o sistema linguístico, ao passo que a gramaticalização gera uma reorganização desse sistema, provocada pela criação de novas formas, pois novas categorias substituem as velhas.

Ainda segundo Hintze (2003, p. 72), “A tese fundamental de Meillet está no fato de que as línguas seguem uma espécie de desenvolvimento de transição gradual”. De acordo com essa tese, palavras acessórias são acrescentadas pelas línguas para intensificar uma expressão; essas palavras se enfraquecem, transformando-se em instrumentos gramaticais. Após essa mudança, novas palavras são inseridas, recomeçando o processo.

Grice (1975, *apud* NEVES, 2002) afirma, todavia, que as implicaturas conversacionais adquirem outros sentidos, integrando o significado de uma categoria. A esse processo se dá o nome de gramaticalização e pode ser definido como o uso de velhos meios para novas funções, transformando uma palavra não-gramatical em gramatical ou gramaticalizando ainda mais alguma forma que já o era.

Nessa mudança de categorias, a metáfora (regida por percepções sensoriais) une-se à metonímia (uma manipulação pragmático-discursiva que obriga os conceitos a serem interpretados segundo fatores contextuais). Assim, a gramaticalização “consiste de uma extensão gradual do uso de uma entidade original para um conceito de chegada,

com um estágio intermediário no qual ambos os conceitos coexistem”. (NEVES, 2002, p. 166).

Poggio (2002) apresenta a atuação de três grupos de conceitos de gramaticalização, distinguindo-se entre si pela época e pelas perspectivas adotadas.

O primeiro grupo operou com o léxico e a gramática e teve o predomínio nas pesquisas sobre a gramaticalização até 1970. Para esse grupo, a gramaticalização era vista como um processo em que um item lexical assume uma função gramatical caminhando de uma classe aberta, com unidades independentes, para uma classe fechada, composta por estruturas dependentes, como clíticos, partículas, verbos auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

O segundo grupo adotou como objetos de estudo o discurso e a gramática. Nessa nova linha de pesquisa, embora a gramaticalização também fosse vista como uma reanálise do material léxico para o material gramatical, ela se distinguiu do primeiro grupo por considerar que esse fenômeno constitui uma reanálise dos moldes discursivos para os moldes gramaticais, enquanto a estrutura sintática constitui um componente derivado do discurso.

O terceiro grupo de conceitos sobre gramaticalização a vê como um processo instantâneo, proveniente de alterações semânticas. Poggio ressalta também que, nesse grupo, os estudiosos enfatizaram a existência de um movimento em direção à abstração de certos aspectos do significado, intrínseco à gramaticalização.

Cunha, Costa e Cezario (2003) estabelecem uma relação entre os dois primeiros grupos:

[...] a gramaticalização *stricto sensu* ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular. (CUNHA, COSTA e CESARIO, 2002, p. 51)

Poggio (2002) também cita que Hopper e Traugott (1993) atentam para a importância dos estudos da gramaticalização não só no aspecto sincrônico, mas também no diacrônico. Neves reafirma isso ao mencionar que a posição pancrônica “acentua a interdependência entre o sistema lingüístico e o uso, e entre a natureza fluida da



gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica” (1997, p. 119).

Os estudos na forma como vemos hoje chegam ao século XX, em 1912, tendo por base o já mencionado linguista Meillet. Partindo disso, desencadearam-se várias pesquisas no fenômeno, desenvolvidas por Lehmann e Heine, na Alemanha, e Givón, Hopper, Traugott, entre outros, nos Estados Unidos.

Esses autores comungam do mesmo pensamento com dois pontos principais:

[...] fazem a distinção entre itens lexicais, signos lingüísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado e itens gramaticais, signos lingüísticos ‘vazios’, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro; consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 19).

A gramaticalização pode ser definida pela perda de complexidade semântica, de liberdade sintática e de substância fonética, e ganho em significação morfossintática. Seu estudo mostra uma tensão entre a expressão lexical, irrestrita, e a codificação morfossintática, sujeita a restrições. Um item lexical pode se gramaticalizar no momento em que lhe é dado um uso gramatical em um novo contexto.

Quando se admite a relação entre cognição e gramática, estabelece-se também a iconicidade (as motivações para as formas linguísticas), pois, como afirma Croft (1990), é preciso admitir que a estrutura da língua é reflexo da estrutura da experiência de mundo “(geralmente inclusa a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante)” (NEVES, 2006, p. 23). Para Neves (2004), Schriffrin apresenta uma boa visão funcionalista da linguagem quando postula que a língua ocorre sempre em um contexto, ao qual é sensível, e é sempre comunicativa e projetada para a comunicação; ela é usada em favor dos objetivos do falante.

A gramaticalização está correlacionada à colocabilidade (possibilidade de mover os itens no texto), pois, para analisá-los, é pertinente verificar as relações existentes entre o nível gramatical e o nível lexical: quando duas palavras lexicais ocorrem no mesmo contexto, uma se direciona mais para um estatuto gramatical do que a outra.

Lehmann (1995, *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007) aponta seis parâmetros da gramaticalização inclusos nos eixos paradigmático e sintagmático. No eixo paradigmático, encontram-se os parâmetros de integridade, paradigmaticidade e

variabilidade paradigmática. No eixo sintagmático, encontram-se os parâmetros de escopo, conexidade, variabilidade sintagmática.

A *integridade*, segundo Lehmann, trata da propriedade de diferenciar um signo dos demais membros de sua classe, ou seja, por contraste. Bybee & Hopper (2001, *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007), entre outros, consideram que, na gramaticalização, os desgastes semânticos e fonológicos ocorrem devido à repetição, ou seja, as palavras que pouco aparecem no discurso são mais resistentes à mudança.

A *paradigmaticidade* refere-se ao grau de coesão de um item com outros pertencentes a um paradigma. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), esse parâmetro é medido “pela quantidade de similaridades entre seus membros integrantes e pela regularidade nas diferenças entre eles.” (p. 74).

A *variabilidade paradigmática* diz respeito à possibilidade de uso de um item para substituir aquele em processo de gramaticalização. É a liberdade de escolha, a singularidade, que o usuário da língua possui, podendo assim escolher um signo sinonímico ou um de categoria genérica.

O *escopo* é a extensão da construção que ele ajuda a formar. Lehmann (1995, *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007) afirma que o aumento do grau de gramaticalização de um item diminui o seu escopo, pois, quanto mais gramaticalizado é um item, menor a sua extensão, tornando-se mais fixo na frase.

A *conexidade* refere-se à coesão de um item com outro, isto é, ao grau com que se liga a outros signos ou ao grau de dependência entre eles.

A *variabilidade sintagmática* diz respeito à possibilidade de mobilidade na construção. Quanto mais gramatical for um item, mais fixo ele se torna.

Em resumo, observamos que os parâmetros do plano paradigmático são itens pouco gramaticalizados, enquanto os do plano sintagmático são fortemente gramaticalizados.

Hopper (1991, *apud* GONÇALVES *et a.i.*, 2007) propõe cinco princípios que visam à identificação dos primeiros estágios da gramaticalização, considerando que os parâmetros de Lehmann só podem ser usados em um estágio mais avançado.

O primeiro princípio refere-se à *estratificação*. Esse princípio tem como referência o surgimento de novas “camadas” coexistindo com outras já existentes. Nesse princípio, temos, como exemplo, o caso da forma *gente* (Latim: *gens*, *gentis*), usada para especificar um número indeterminado de pessoas e que tem uma estratificação com as 1ª pessoas, atualmente com a 1ª pessoa do plural, nós.

O segundo princípio é o da *divergência*, que, conforme o nome já sugere, remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical.

O terceiro princípio é a *especialização*, que remete ao estreitamento de escolha, ao aumento na frequência de uma forma, “ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada.” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 82).

O quarto item é a *persistência*, ou seja, a manutenção da forma-fonte na forma gramaticalizada. A forma inovadora não admite modificação por quantificadores, numerais e especificadores, podendo ocasionar restrições sintáticas para a nova forma.

O último item trata da *descategorização*, referindo-se à perda de autonomia discursiva. Em outras palavras, a forma em gramaticalização tende a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos caracterizadores das formas plenas.

Toda essa teoria funcionalista, na qual estão inseridos os estudos sobre gramaticalização, aplica-se aos estudos do verbo-suporte, sobre o qual tratamos no subitem seguinte. Ela é a base, também, dos estudos sobre a Estrutura Argumental Preferida (EAP), tratada no capítulo 2.

### **1.1 O conceito de verbo-suporte**

Os verbos-suporte, também conhecidos como verbos leves, verbos funcionais ou verbalizadores, têm esse nome porque “suportam” as categorias de modo, de tempo, de número e de pessoa. Neves (1996), em pesquisa com *corpora* escrito da fase atual da língua, define esses verbos como “verbos semanticamente vazios que permitem construir um SN com V-n (verbo + sintagma nominal) em relação de paráfrase com um SV (sintagma verbal).” Segundo a autora, essa relação de paráfrase entre o verbo em construções de suporte e o verbo pleno não é uma condição imprescindível para definir esse tipo de verbo, visto que “não se pode desconhecer que há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples.” (1996, p. 202).

Em vista disso, ela estende essa definição e esclarece que esses verbos “são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento

(objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua” (NEVES, 2000, p. 53).

Nas construções com verbo-suporte, os verbos que as integram têm o seu complemento (objeto direto) representando o papel semântico de participante, funcionando como predicante, ou seja, juntamente com o verbo, funciona para formar um predicado, a fim de orientar, ou de classificar ou de identificar um referente.

Em outras palavras, o verbo-suporte apresenta conteúdo semântico quase nulo e mantém suas propriedades gramaticais de flexão e de concordância. O nome que o acompanha, por sua vez, deixa de funcionar como objeto direto, passa a particularizar o significado e forma um predicado complexo, funcionando como predicante, orientando um evento ou classificando um referente.

Para Neves (2006, p. 63), “fica evidente um molde morfossintático bem definido (em que os elementos básicos são um verbo leve e um nome abstrato, com responsabilidade na determinação dos papéis semânticos dos argumentos), o qual permanece aberto a um preenchimento extremamente variado”. Esse nome abstrato, ao qual se refere Neves, normalmente é um nome deverbal, ou seja, um nome abstrato que advém da derivação de uma forma verbal cognata, processo intitulado nominalização.

Esse preenchimento a que se refere a autora pode ocorrer com a adjetivação do nome complemento do verbo-suporte, ora para qualificá-lo (*tomar atitudes autoritárias*, em vez de *agir autoritariamente*), ora para classificá-lo (*dar a opinião pessoal*, em vez de *opinar pessoalmente*), entre outros efeitos.

A escolha de um verbo-suporte evidencia a busca por sentidos particulares, explicando-se por necessidades ou ganhos funcionais. A existência de formas alternantes na língua permite variações funcionais e semânticas.

Baptista (s/d) observa que, pelo fato de o verbo-suporte não ser o elemento nuclear da frase, ele pode apresentar variantes aspectuais e/ou estilísticas, como em *O Pedro deu/prestou ajuda à Inês*, fato que não pode ser observado quando a estrutura apresenta o verbo em seu sentido pleno, pois ocorrerá mudança de sentido, como em *O Pedro (deu + \*prestou) um livro à Inês*.

Em vários casos, o verbo-suporte admite uma qualificação que não seria possível em verbos com sentido pleno, como no exemplo: “Portanto, não se trata de uma iniciativa arbitrária da Instituição porque essa despesa já tinha sido autorizada em orçamentos anteriores. Disse que o parecer da relatora *dá sustentação* jurídica” (Ata 21, 29/11/2004). “A substituição por “sustentar” impediria a qualificação que “sustentação”

recebe, isto é, não haveria a possibilidade de haver a denominação “jurídica”, em seguida.” (HINTZE, 2007, p. 448).

Dessa forma, a escolha de determinada alternativa depende do efeito particular que se esteja buscando, por exemplo:

a) uma maior versatilidade sintática: a construção com verbo-suporte permite uma caracterização do SN que o sucede, ora qualificando-o (...tomar atitudes...autoritárias...), ora classificando-o (...dar a opinião pessoal...), fato que não seria possível com o verbo pleno (fazer análise profunda – analisar profundamente) (NEVES, 1996);

b) a redução da valência do verbo (detransitivização): ao empregarmos o verbo-suporte + SN, podemos omitir um ou mais argumentos do verbo e, em geral, é apresentado apenas o sujeito (NEVES, 1996);

c) relativização: estratégias empregadas na construção das orações relativas; existem três estratégias: padrão: “a preposição acompanha o movimento do pronome relativo” (ARIM, RAMILO e FREITAS, 2005, p. 1) (Comprei o livro **de que** me falaste); cortadora, suprime-se a preposição que acompanharia o pronome relativo (Comprei o livro que me falaste); e resumptiva, “a preposição não acompanha o movimento do pronome relativo, ficando na sua posição original. Estando *in situ*, a preposição não pode ficar sem complemento, sendo introduzido nesta posição um pronome resumptivo”. (ARIM, RAMILO e FREITAS, 2005, p. 1-2) (Comprei o livro que me falaste dele).

Além dessa autora, outros pesquisadores vêm direcionando suas pesquisas para as construções com verbo-suporte no português brasileiro, como Vieira (online) e Scher (2004). No francês, destacam-se Chaurand (1983) e Giry-Schneider. De maneira geral, as considerações feitas por Neves confirmam-se em outras línguas neolatinas.

Embora Neves, Vieira e Scher desenvolvam ou tenham desenvolvido pesquisas dessa natureza, não são muitas as realizadas com *corpora* recuados. Chacoto (1997) e Ranchhod (on-line) pesquisaram *corpora* medievais da língua portuguesa, buscando objetivos semelhantes: abordagem de verbos-suporte na fase arcaica da língua. Mattos e Silva (2002), em análise de obras de João de Barros, descreveu o emprego variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas que expressavam noção de posse no português do

século XVI. Como se vê, são pesquisas pioneiras que envolvem documentos de sincronias recuadas do português.

João de Barros (1971[1940]), a propósito do verbo *haver*, faz o seguinte comentário:

Temos mais este verbo [h]ei, [h]ás que é de genero diverso pelo officio que tem. Quando se ajunta com nome soprimos muitos verbos da língua latina que a nossa não tem: [h]ei vergonha, [h]ei medo, [h]ei frio e outros muitos significados que tem quando ô ajuntamos a nomes substantivos desta calidade.” O gramático daria a esses verbos o nome de “verbos neutros”.

Barreto (1980[1924]), por sua vez, menciona a existência de “verbos conglomerados”, ou seja, verbos formados pela junção de um verbo e um acusativo especial.

Para a fase arcaica da língua portuguesa, todavia, pesquisas voltadas para o funcionamento desses tipos de construções ainda são escassas. Chacoto (1996) abordou o verbo *fazer*, e Ranchhod (s/d) desenvolveu trabalho mais extenso acerca de vários verbos em construções-suporte. Mattos e Silva (2002), em análise de obras de João de Barros, observou o emprego variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas que expressavam noção de posse, aí incluídas algumas situações em que é possível vislumbrar esses verbos funcionando como verbos-suporte.

Ranchhod (s/d) alega que pesquisas envolvendo fases recuadas da língua portuguesa permitem confirmar que essas construções com verbos-suporte “fazem parte do património sintáctico do português”. A autora acrescenta, ainda, que, apesar de haver diferenças entre o português arcaico e o atual, principalmente no que tange à linearidade dos constituintes à intercalação de elementos entre os constituintes desse tipo de construção e às diferenças no inventário dos verbos plenos e respectivas construções-suporte, essas construções, em muitos outros aspectos, assemelham-se muito àquelas registradas na fase atual do português.

No que concerne à fase arcaica do português, essas pesquisas são pioneiras sobre esses tipos de construção, as quais se situam em meio a um *continuum*, cujo ponto de partida é o verbo em seu sentido pleno (verbo + argumento) e cujo ponto de chegada é a construção com o verbo em estruturas cristalizadas.

Pretendemos ampliar os horizontes dos estudos desses tipos de construção e contribuir, de forma mais ampla, para as pesquisas em descrição linguística em uma perspectiva diacrônica.

Neste trabalho, veremos esses dois efeitos nas estruturas analisadas no português arcaico e no português atual, verificando também qual é a estrutura argumental preferida nas épocas estudadas.

## 1.2 O verbo *tomar*: etimologia e definições

Quando se compara o período arcaico da língua portuguesa com o período atual, deparamo-nos com um conjunto de características típicas do período, como o emprego de formas arcaicas que convivem com formas atuais, o desaparecimento total de uma forma arcaica, que é substituída por outra, a manutenção de uma forma/construção, que apresenta um sentido completamente diferente daquele apresentado na fase arcaica da língua, além das questões da ordem dos vocábulos, que se apresenta muito mais flexível na fase arcaica, resquício da flexibilidade típica da língua latina.

Cunha (1997), em seu *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*, ao registrar o verbo *tomar*, apresenta as seguintes construções, sem, no entanto, explicitar em quais o verbo *tomar* é empregado como verbo-suporte:

**Tomar. Verbo.** Atual: **tomar.** séc. XV, BERN, 8. **1** [...] de como se deue homẽ aparelhar de tomar as armas da santa obediẽcia [...]. séc. XV, ZURD, 54.1. **2** [...] de que podessem tomar uingança. séc. XIV, AVES, VI.17. **3** Cascavees põe aynda ao açor pera amedorentar as aves a que o lança, que as possa mais agiã tomar. séc. XV, ESOP, 5.6. **4** E veemdo a ssombra, deytou-sse [*sc.* o cão] na augua, cuydamdo tomar a outra carne. séc. XV, VESP, 1.16. **5** [...] elles os nõ quiserom tomar [...]. séc. XIV, DICT, 2386. **6** *resumo* / tomar. séc. XV, SOLI, 37.31. **7** Senhor Deus, ex o nosso imiigo stendeo ante nossos pees muitos laços infiindos e encheo todas as nossas carreiras de cepos e d'armadilhas pera tomar as nossas almas. séc. XV, SBER, 69.31. **8** [...] e elle doestando-a e maldizendo asi como rede do diaboo pera ëlaçar e tomar as almas, nom quis sair pera a veer [...]. séc. XIV, ORTO, 49.28. **9** E o padre foy tomar seu filho antre os braços [...]. séc. XIV, EGIP, 37. **10** Muitas vezes me quieriam dar algo aquelles com que pecava e eu o nõ queria tomar [...]. séc. XIII, CSM, 46.40. **11** [...] tomar / carn' en moller [...]. séc. XV, CITR<sup>1</sup>, 54. **12** [...] sam muyto delicados en sy e muyto referteiros no tomar d'agua. séc. XV, COND, 3b9. **13** [...] fallou contra elrey em sabor dizendo que ella queria tomar Nuno alurez por seu escudeyro [...]. séc. XV, VIRG,

I.111. **14** [...] algüus tomam prazer cõ soberva daquelo de que deviã tomar vergonça cõ humildade. séc. XV, OFIC, 17.11. **15** Mas todo nosso cuidado [...] deve de sser ocupado em tomar consselho das cousas onestas [...]. séc. XIV, EUFR, 20. **16** [...] por em te fige tomar affam de viires aca pera conprires o meu desejo [...]. séc. XV, LOPP, 6.56. **17** E el-rrei sorrindo-sse disse que fezerom bem, que tomar queriam mester de ladroões e matar homões pello caminhos, de sse ensinarem primeiro nos judeus, e depois viinriam aos christaãos [...]. séc. XIV, TUND, 20

**18** E todo o monte [...] era cheo de diaboos que estavã prestes pera tomar as almas [...]. séc. XV, LOPJ, II.4.33. **19** [...] el queria tomar pera amdarem com el e seer de seu comselho alguuns que eram feitura da Raynha [...]. séc. XIV, GREG, 3.22.6. **20** [...] começaram as outras menihas [...] tomar hávito de religion e prometian a guardar sa virgüidade a Nosso Senhor pera todo sempre. ano 1365, CAMP, 79.27 **21** E os dictos priol e convento disseram que non consentiam en el mais tomar que aquello que remeecia [...]. séc. XIV, TEST, 28.24. **22** [...] hia aa caça por tomar prazer [...]. séc. XV, ZURG, 48.14. **23** Hora qual pêsaaes que auya de seer o capitã do nauyo a que possessem semelhantes duuydas diante e mais per homeës a que era razom de dar ffe e autoridade ã taaes lugares. que ousasse de tomar tal atreuimento [...]. séc. XV, LOPF, P.120. **24** E sse algüus mercadores quiriam tomar carrego de lhe trager de fora de seus rreinos as cousas que mester avia pera suas taracenas, nom carregava nêhüua cousa d'ellas [...]. séc. XV, PEST, 346. **25** [...] em tempo da pestilëcia logo despois de comer se alguü teuer desejo de dormir: × tal desejo se deue reuogar e impedir [...] em modo × o sño natural se possa tomar per hũa hora despois de comer.

Consultamos, também, o *Dicionário do Português Medieval*, que está sendo desenvolvido por módulos: verbos, nomes próprios e comuns e termos, e está disponível no site <http://cipm.fcsh.unl.pt/>, desenvolvido pela Universidade de Lisboa. Nele, encontramos não só as conjugações encontradas nas obras por ele consultadas, mas também as construções do verbo tomar como verbo-suporte, embora o projeto do referido Dicionário não mencione esse tipo de construção:

**TOMAR. De orig.obsc. Ocorrências: 361. 1 tomar, ingerir:** alguém toma algo. [ — SN ] e aa vesp(er)a da çea santa de Nosso Senhor **toma** o santo corpo E o sangue de Nosso Ssenhor Jhesu Cristo; E de muita agoa que a noso parecer era esta meesma que vem teër aa praya em que nos **tomamos** agoa. **2 tomar, receber, apropriar-se:** alguém toma alg de/a alguém [ — SN SP ]: Quê ouro ou p(ra)ta **tomar** doutrã e o falsar mizc(ra)ndo cũ out(ro) metal peyor aya a pãa [...] sub(re)dicta; E esto he mesmo de qual quer que **toma** algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem, que o deuem rrestyujr a seus herdeyros, e sse cõ outra entêçon o tomar peca mortalmête.; E duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouese / nom curaram de lhe **tomar** nada E asy o mandaram com tudo. **3 tomar, aceitar:** alguém toma (a/em) alg



[ — (a/em) SN ]: e elles deitavõ-lhas e ante que cayssem ã terra **tomavõ**-nas cõ tenazes de ferro acessas.; Mais dá-lo-edes em panos **tomar**, se vo-los derem, e n'os guardar e em vendê-los em aquel mercado.; Quem **toma** peendemça as portas da ygreia e torna mays aquel pecado.; alguém toma alguém por algo [ — SN SP ]: E chegou a hũa prouícia ã que nõ auia rey, e os homẽs daquella terra uirã-no homẽ nobre e pera muyto e sabedor e **tomarõ-no** por seu rey.

**4 sentir:** alguém toma algo [ — SN ]: chorava hũa ssua filha assy come morta nõ ssabendo que era della. e que **tomava** grãde nojo mayormẽte que nom avia outra filha nõ filho; E o ãuejosso de ligeiro **toma** sanha contra aquele que ha enueja.; E aly se metiam #iij ou #b ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra se nom quanto podiam **tomar** pee.

**5 agarrar, segurar:** alguém toma alg. [ — SN ]: E o ango desapareceo entom e os dyaboos ((L)) logo cercarõ a alma de todallas partes. e **tomarõ-na** ((L)) e derom cõ ella dentro na casa.; Ih(es)u Cr(ist)o Nosso Sen(hor) v(er)dadeiro De(us) e hom(ẽ) quãdo q(ui)s <F 58d> rreceb(e)r morte por saluar o mũdo estabeleceu p(er) ssy p(ri)meyram(ẽ)t(e) este sac(ri)fficio p(er) ssy meesmo aa q(ui)nta feyra da cea q(uan)do comeu cõ sse(us) deçip(o)los **tom(ou)** [o] pam e ho vinho nas ssas mãos; E entam pera o castical como que avia tambem prata ./ mostraran lhes huum papagayo pardo que aquy o capitam traz ./ **tomaram** no logo na mão E acenaram pera a terra como que os avia hy. alguém toma a alguém por algo [ — SP SP ]: E estas palavras asy p(er) el d(i)ctas <F 76v> **tomou** a mÿ per a maa como avia de custume ((L)) e assy ãtramos muyto a pressa em ssua camara ((L)).; O .xiiij. se alguũ **toma** por força a algũa mulher e se casa con ella nom ha tãta pena por rrazom do matrimonio como se a forçase en outra maneyra e se nõ se casasse com ella.; E meteo se com eles a dançar **tomando** os pelas mãos E eles folgauam E Riam E amdauam com ele muy bem ao soom da gaita. toma-se alg [ — SN ]: ca sabudo he que todo porco que pello asopee vem dereito nunca **se toma**, salvo se he de aventura, ainda que o monteyro estã abastoso de alaão pera guardar a armada.; E entam o capitam feze se **tomar** ao colo de dous homeẽs E passou o Rio E fez tornar todos.

**6 assumir funções, tomar a seu cargo:** alguém toma algo [ — SN ]: mais tu **toma** este trabalho e cava ((L)) a terra p(er)a podermos ssterrar o santo corpo ((L)).; e por minha desaventura semdo estas primeiras armas que eu **thomei** pera o servir, pareceme que he fforçado que as perca;

**7 colocar**alguém toma algo a lugar [ — SN SP ]: Enp(er)o ouve-a de **tomar** ao pescoço. e ãntrou ((L)) cõ ella pella ponte.

**8 interpretar:** lguém toma algo (por algo) [ — SN (SP) ]: e eu o nõ ((L)) queria **tomar** por tal que gaanhasse mais meus ((L)) amigos do meu maa desejo; E depois mostrou o dedo pera o çeeo coma que lhes dizia alguũa cousa de bem E nos asy o **tomamos**. toma-se algo por algo [ — SN SP ]: E entom **se toma** por singullar e por plular sem deferença.; Em outra maneira **sse toma** por as pessoas ecclesiasticas.

**9 seguir:** alguém toma algo [ — SN ]: E escolheo **tomar** vida ((L)) de monge. em os moesteyros de Palestina; Pequey outrosy nõ seãdo homildoso nem **tomo** o enxemplo de Ihesu Christo.

**10 optar, escolher:** alguém toma algo [ — SN ]: mais ante toma ((L)) plaz(er) e aleg(ri)a com os angeos porque Paia **tomou** ((L)) e escolheo a mylhor parte a q(ua)l av(er)a e posuira ((L)) p(er)a senp(er).; E tamto que a comcrusam foy **tomada** . pregumtou mais se seria boo tomar aquy per força huum par destes homeẽs pera os mandar a vosa alteza.; Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Samaliel e **toma** a Lançalot. **11**

**encontrar alguém em determinada situação:** toma-se alguém com alguém [ — SN SP ]: Mas nom sabia quem era Galaaz, ca em niua guisa nom **se tomaria** com ele. **TOMAR CUIDADO:** **1 tomar cuidado:** alguém toma cuidado. [ — ] que prol tem i ou quegenda o que **toma** tal **cuidado** com' há posta ta fazenda.; E porê sandeu he o homê pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e **toma** grande **cuydado** de auer morada sollepne cõ pinturas e con ou[t]ros afeytamêtos notauees. **TOMAR DE TALAM:** **1 tomar a decisão, fazer a sua vontade:** alguém toma de talam de fazer/acotecer [ — ( de ) Vinf ]: com aguça que **tomou de talam** de casar cedo, nom hou' i contrairo; **TOMAR EXEMPLO:** **1. adoptar como exemplo:** alguém toma exemplo em alguém de fazer [ — ( SP ) de Vinf ]: E esto por **tomarmos** nos outr(os) **exêplo** ((L)) de fazer bem. ã nos guardarmos de mal. **TOMAR HOSPICIO:** **1. hospedar-se:** alguém toma hospicio em lugar: [ — SP ]: Junctados asy os ((L)) dictos bispos, o bispo da çidade mandou que **tomassê** ((L)) e ouvessem **hospicio** e pousada na ig(re)ja do bem ((L)) aventurado m(ar)tir Sam Giãão. **TOMAR ORDEM:** **1. tornar-se um homem do clero:** alguém toma ordem [ — ]: Entrando ena ordê algũu homê ou molh(e)r deue estar huũ ano en proua o q(ue) quiser **tomar ordê** de rrelegiõ.; E os clericos que **tomam ordê** de relegion que chaman conuersos cortam os cabelos darredor e non rapan êçima a cabeça por que, como quer que deixem os beês temporaees, nom sse ocupan nos ofiçios diuinaees. **TOMAR PENHOR.** **1 tomar penhor, dar garantia:** alguém toma penhor por algo a alguém; [ — SP SP ]: Um escudeiro vi hoj' arrufado por **tomar penhor** a Maior Garcia, por dinheiros poucos que lhi devia; Jtem o segundo agrauamento que el tijna os sseus fferregiees e as ssas vinhas tapadas como conprium e que lhis nom mandara nem mandaua **tomar penhoras** ssen Razom; **TOMAR (POR) MULHER:** **1. casar-se:** alguém toma (por) mulher alguém [ — SN ]: este homê bóó **tomou por molher** hũa qual (con)pria a sseu linhagê; Nam queiras **tomar molher** da geraçã de Canahaã mas vayte a Mesopotanya e toma molher das filhas de Labã teu tio; Quê prometeo simplezmente de entrar em hordê e depois leixou o uoto que fez **tomãdo molher** deue de fazer peendença tres anos. **TOMAR PRAZER:** **1. alegrar-se:** alguém toma prazer (em lugar) [ — (SP) ]: Alegra-te asaz, filha de Sion, **toma prazer** em no coração, filha d'Israel, ex o teu rey vem a ty sancto e salvador, elle meesmo prove sobinte sobre a sua' etcetera.; Item todo homem que se delecta em o pecado que ia fez e quando lhe uem em mête e **toma hy prazer**. **TOMAR TRABALHO:** **1. transtornar-se, preocupar-se:** alguém toma trabalho [ — ]: - ssenhor por que **tomaste** tanto **trabalho** p(er)a ((L)) viir a nós.

No *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o verbo *tomar* é registrado da seguinte forma:

[De or. incerta.]. V. t. d. 1. Pegar ou segurar em; empunhar: 2 & 2. Agarrar, segurar: & 3. Apoderar-se, apossar-se, assenhorar-se de. 4. Arrebatat, arrancar, tirar. 5. Roubar, furtar: 2 6. Capturar, conquistar: 2 7. Invadir, assaltar: & 8. Preencher, abranger, ocupar: 2 9. Ocupar

ou preencher a junta (7) de. 10. Contratar, assalariar: 2 11. Seguir (uma direção ou caminho); ganhar: 2 12. Receber, aceitar: 2 13. Assumir, adotar, adquirir, apresentar: 2 & 14. Aspirar, sorver: 2 15. Comer (1): 2 16. Beber, ingerir: 2 & &17. Engolir o conteúdo de: 2 18. Beneficiar-se de (conhecimentos, etc., transmitidos por outrem); ter: 2 19. Ser salteado ou surpreendido por; receber, levar: & 20. Ser alvo de, ou homenageado, etc., com (coisa imprevisível e/ou, em geral, maçante, incômoda): 2 & 2 21. Entrar em veículo e nele seguir viagem: & 22. Mar. Medir: 2 2 23. Vestir, envergar: & V. t. d. e i. 24. Tomar emprestado: & 25. Suspender; sustentar, agüentar: 2 26. Passar a ter (sentimento, emoção, etc.) por: & V. t. c. 27. Gastar, consumir (tempo): 2 V. transobj. 28. Considerar; julgar: 2 V. p. 29. Ser invadido (por sentimento, emoção): 2 2 30. Deixar-se persuadir ou influenciar: 2 31. Embeber-se, impregnar-se. 32. Encher-se de bebida(s) espirituosa(s); embriagar-se, embebedar-se: & u Tomar dentro. Chulo. 1. Ser pederasta passivo.

Para complementarmos os valores semânticos assumidos por esse verbo nos contextos analisados, tomamos como referência os sentidos apontados por Houaiss (CD-ROM), segundo o qual o verbo *tomar* é de origem obscura e acrescenta a informação de Michaelis e Caldas Aulete: deriva de um saxão *tomian*; f.hist. 1152 *tomem*, sXIII *tomar*, sXIII *tomaron*, sXIII *tomarõ*. Em seguida, o autor registra esse verbo com as seguintes acepções:

tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatar, usurpar; apropriar-se de; assumir, avocar; promover a conquista ou a invasão de; realizar apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar; prender (algo), segurando, ger. para utilizá-lo; empunhar, pegar; segurar com firmeza, para dar amparo, proteção; agarrar, sustentar (tb. fig.); segurar por baixo, impedindo que caia; agüentar, suspender, sustentar; lançar mão de; fazer uso de, utilizar; receber (ser vivo) junto a si; oferecer refúgio, cuidados a; adotar, acolher, recolher; manifestar preferência por (alguém ou algo); escolher; ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos); engolir o conteúdo de; consumir; bebida alcoólica) em excesso; embebedar-se, embriagar-se; atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar, sorver; fazer a escolha de; preferir, selecionar; manifestar apoio a; sustentar<sup>3</sup>; pedir ou exigir (explicação, satisfação) [a alguém]; atribuir a si; arrogar-se, usar de; preencher (espaço, local); instalar-se em; ocupar; consumir, fazer uso de (tempo); instalar-se em (imóvel) pagando aluguel; alugar; v) contratar serviços de; escolher (alguém) como (companheiro, marido, sócio); deixar-se penetrar gradualmente por (cheiro, líquido); impregnar(-se), embeber(-se); sentir-se assaltado ou invadido por (impressão, sentimento) [com relação a]; ser surpreendido por (forte emoção ou impressão); levar; invadir o espírito de (alguém), dominando-o; apoderar-se de, assaltar, avassalar; levar (algo) em consideração; refletir sobre; fazer uso de (meio de transporte), ocupar (veículo) para seguir viagem; ser atingido por; apanhar, expor-se; cair sobre; seguir

ou encaminhar-se por; continuar avançando por; retirar (algo) de (algum lugar); ter êxito nos esforços envidados para a conquista de (objetivo); alcançar, conquistar, atingir; decidir-se por; escolher, preferir; ter como modelo; imitar, seguir; passar a ter, a apresentar; adquirir, assumir; passar a ter, a apresentar (determinada proporção, feição, aspecto); assumir, adquirir; cobrir-se com (qualquer roupa); vestir; colocar junto (o que se encontrava disperso); recolher, reunir, juntar; encontrar (alguém) [em determinada situação, local ou condição]; apanhar, flagrar, surpreender; receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar; sofrer penetração sexual; responsabilizar-se por; criar bloqueio ou obstáculo a; estorvar; receber como recompensa, favor, merecimento; aceitar; receber (ordem eclesiástica); receber (ordem, prescrição) de (alguém); ser alvo de (homenagem, crítica, aplauso, vaia), ger. imprevisível ou enfadonho; ter na conta de; considerar, interpretar; ter conhecimentos sobre (alguma arte ou ciência); receber (aula, instrução); determinar (dimensão, altura etc.) de; calcular, medir; fazer emitir em favor próprio (promissória, letra de câmbio etc.); pedir emprestado.

Para finalizar, Houaiss complementa com a seguinte observação:

a) em algumas acepções, *tomar* funciona como *verbo pleno*, com seu próprio significado (p.ex., *tomar algo das mãos de alguém* = tirá-lo de sua posse); enquanto em inúmeras outras, faz de *verbo-suporte*, **constituindo, com o substantivo (que na gramática tradicional é seu objeto direto), um todo semântico (p.ex., *tomar parte em* = participar; *tomar banho* = banhar-se; *tomar ordens* = ordenar-se; *tomar uma decisão* = decidir; *tomar assento* = assentar-se etc.)** b) neste segundo caso, a função do verbo pendula entre a de um elemento de semântica quase vazia e aquela de um verbo não exatamente pleno, mas ainda portador de certo valor semântico maior ou menor, conforme o caso; o estabelecimento de seu sentido depende dos substantivos que com ele ocorrem na posição de objeto, tornando o número de acepções enorme c) por sua importância, algumas acepções de *tomar*, usado como verbo-suporte, estão registradas no corpo deste verbete; diversas outras devem ser procuradas pelo substantivo que faz parte do objeto direto, como de hábito no restante deste dicionário. (grifo nosso)

Faz-se imprescindível, portanto, uma análise de cada uma das construções para que se possa identificar, de fato, quais são as construções em que o verbo *tomar*, juntamente com o nome que o segue, forma uma construção-suporte.

## 2. Fluxo de Informação e Estrutura Argumental Preferida

A gramática funcional baseia-se em propriedades funcionais e categoriais dos componentes da sentença. As propriedades categoriais são características internas dos componentes, sem relação com o restante da sentença, e as funcionais apresentam exatamente essa relação no interior da construção em que ocorrem.

Há três formas nas quais estão distribuídas as relações funcionais: as *funções semânticas*, responsáveis pelos papéis exercidos pelos referentes no interior das sentenças (agente, meta, recipiente etc.); as *funções sintáticas*, caracterizadoras da perspectiva pela qual é apresentado o estado de coisas (sujeito e objeto); e as *funções pragmáticas*, que “especificam o estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicacional mais abrangente, como *tema, rema, tópico e foco*”. (PEZATTI, 2002, p. 282). Essas três funções codeterminam igualmente a expressão linguística.

A relação entre esses padrões discursivos e gramaticais é especificada pelo *fluxo de informação*. Chafe, um dos estudiosos nessa área, focaliza, em suas pesquisas, os aspectos sociais e cognitivos atuantes na verbalização de experiências (ANTONIO, 1998). Segundo o autor (1980, *apud* ANTONIO, 1998), pensar compreende a informação, o *self* e a consciência:

Informação é todo conhecimento que um ser humano possui, adquirido de três fontes principais: a percepção do mundo, a memória e o lado afetivo (sentimentos, emoções e atitudes associadas com o que se percebe ou se lembra). O outro componente, o *self*, é o elemento que controla e organiza todos os processos cognitivos. Por último, a consciência é responsável pelo fornecimento de informação ao *self*, de acordo com suas necessidades e interesses. (ANTONIO, 1998, p. 22)

Essas necessidades e interesses da consciência fazem que a fala se apresente em breves jorros, e não continuamente, de acordo com a informação que está ativa e que se apresenta como foco central do momento de fala. A esses jorros, Chafe denomina *unidades de ideia*, identificando-as pela entoação, “a maior parte das unidades termina com um conjunto típico de final de oração” (ANTONIO, 1998, p. 23); pela pausa, separação entre as unidades; e pela sintaxe, geralmente correspondem a orações

simples. Nem sempre, contudo, esses critérios estarão presentes na mesma unidade de ideia, e nenhum deles, também, é suficiente para caracterizar uma unidade.

Em seus trabalhos de 1987 e 1988, Chafe passa a chamar aqueles jorros de unidades de entoação, mantendo, porém, a mesma definição:

conjunto de palavras combinadas sob um único e coerente contorno entonacional caracterizado por um ou mais picos entonacionais e uma cadência típica de final de oração ou de final de sentença, geralmente precedidas por uma pausa (CHAFE, 1988, *apud* ANTONIO, 1998, p. 24).

Segundo Chafe (*apud* PEZATTI, 2002, p. 282), “a expressão *fluxo de informação* refere-se a aspectos cognitivos e sociais relativos ao modo como as pessoas empacotam o conteúdo ideacional daquilo que falam”. Segundo Du Bois (1987), esse empacotamento, necessário para que o conteúdo semântico seja assimilado de forma satisfatória pelo ouvinte, refere-se ao uso de informações dadas (expressas anteriormente ou pressupostas), juntamente com a informação nova.

Chafe (1987, *apud* ANTONIO, 1998) trata de conceito ativo, semi-ativo e inativo. O conceito ativo, conforme indica o próprio nome, é o conceito que está presente de forma central na consciência do falante e que este pressupõe estar ativo para o ouvinte. A isso, Chafe denomina *informação dada*. O conceito semi-ativo é aquele sobre o qual o falante tem um conhecimento prévio, porém não está no foco da consciência. Por isso, Chafe denomina-o *informação acessível*, uma nova categoria intermediária entre a informação nova e a dada. O conceito inativo é aquele que não foi citado anteriormente, não podendo, portanto, estar acessível. A ele, Chafe chama de *informação nova*, a qual exige mais esforço cognitivo do ouvinte para ser ativado, justamente devido a essa inacessibilidade.

Em geral, quase todas as mensagens possuem esses tipos de informações juntas, e a maior parte da mensagem é formada por conteúdo dado com pequeno acréscimo de conteúdo novo.

Prince (1981, *apud* ANTONIO, 1998) analisou os estudos anteriores sobre informação nova e dada realizados por Chafe, Halliday, Kuno, Clark e Haviland, e criou uma taxonomia, dividindo as entidades do discurso em *novas*, *evocadas* e *inferíveis*.

As entidades novas são aquelas que não foram citadas anteriormente; podem ser não-usadas ou absolutamente novas. As primeiras já são conhecidas pelo ouvinte, só

não estavam sendo usadas, enquanto as segundas são novidades para este, tendo sido criadas pelo falante.

As entidades evocadas são as que pertencem ao discurso e podem ser resgatadas textualmente ou situacionalmente. Estas ocorrem quando o ouvinte pode resgatá-las pelo contexto e aquelas, quando já haviam sido citadas no discurso.

A terceira entidade do discurso proposta por Prince é a entidade inferível. Define-se como aquela que o falante considera possível de ser compreendida pelo ouvinte por meio de entidades evocadas ou de outras inferíveis.

Apesar dessa taxonomia de Prince ser uma boa proposta de estudo para as entidades do discurso, ela não será usada neste trabalho. Usaremos os termos informação nova, informação dada e informação acessível, por serem termos mais comumente encontrados na literatura linguística.

Segundo Du Bois (1987), o desenvolvimento das estruturas gramaticais se dá eficazmente à medida que elas são mais usadas pelos falantes. A essa estrutura mais usada atribui-se o nome de Estrutura Argumental Preferida (doravante EAP). Essa estrutura, segundo Du Bois (1985, *apud* ANTONIO, 1998, p. 28), “não é uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática”. Camacho e Santana (2004) baseiam-se na teoria de Dik, segundo a qual a Gramática Funcional denomina os termos obrigatórios, exigidos pelo verbo, como argumentos, e os satélites, como termos adicionais. Para esses argumentos, Dixon (1979, *apud* ANTONIO, 1998) usa os símbolos S (sujeito de verbo intransitivo), A (sujeito de verbo transitivo) e O (objeto de verbo transitivo).

A EAP possui uma dimensão gramatical e uma dimensão pragmática, e ambas se subdividem em outras duas tendências. As duas tendências pelas quais a dimensão gramatical pode ser expressa se relacionam à presença ou à ausência de Sintagmas Nominais (doravante SNs) plenos e lexicais na sentença. Uma delas é a “Restrição de um único argumento lexical”, ou seja, a maioria das orações apresenta apenas um argumento nuclear lexical, por exemplo: “João adoeceu. Ele tinha tomado muita chuva no dia anterior”. A outra tendência é a “Restrição de sujeitos transitivos lexicais”, segundo a qual o sujeito transitivo (A) geralmente é expresso por pronomes ou por anáfora zero. Em outras palavras, é mais comum que o argumento lexical não seja o A; possa ser o O, em uma oração transitiva, ou o S, em uma oração intransitiva. O exemplo citado também demonstra isso: no segundo período, usa-se “Ele” no lugar de um sujeito transitivo (A) lexical.

Na dimensão pragmática, uma das tendências é a “Restrição de um único argumento novo”, de modo a evitar a inserção de mais de uma informação nova por sentença. A outra tendência é a “Restrição de sujeito transitivo dado”, que diz respeito ao uso do argumento novo na função de objeto ou sujeito intransitivo; nesse caso, é difícil encontrá-lo como sujeito transitivo. Dessa forma, fica claro que a hipótese da EAP tem a distribuição sintática determinada pragmaticamente pelo fluxo de informação discursivo.

Segundo Pezatti (2002),

A estrutura argumental preferida é um efeito do grau de pressão informacional, de modo que o aparecimento de menções novas e lexicais nos papéis de sujeito intransitivo (Si) e objeto (O), e não no de sujeito transitivo (St), está relacionado à função de continuidade tópica, já que protagonistas humanos são participantes centrais na maioria dos discursos. Sendo assim, é suficiente uma menção mediante o uso de pronome, um afixo de referência, dispensando a presença de um SN pleno. (PEZATTI, 2010, s/p)

A análise desses argumentos ocorre com base na teoria de que o verbo é a área central da oração e o nome, a área periférica, pois é a partir do verbo que se pode verificar os traços preferenciais que determinam a EAP, “uma vez que é a semântica do verbo que seleciona o número de seus argumentos e determina os papéis que eles desempenham.” (ARAÚJO e CUNHA, 2007, p. 29)

Vários estudos já foram realizados para investigar essa preferência estrutural dos argumentos em outras línguas. Constatou-se que ela ocorre em línguas como o sacapulteco, o francês, o espanhol, o inglês, o alemão, o hebraico, o quéchua, o rama, o papago e o japonês (ASHBY & BENTVOGLIO, 1993, *apud* ANTONIO, 2007).

Pezatti foi umas das autoras que se dedicou ao estudo da EAP no Brasil. Ela classifica os verbos conforme a sua valência: verbos de dois argumentos (**V2**) e verbos de um único argumento (**V1**). A classe de V1 pode ainda ser dividida em duas classes: dos verbos intransitivos não-existenciais (**V1~2**), de estado, ação e processo; e a outra dos verbos existenciais (**V1e**), *ser, ter, existir, surgir* (existência positiva) e *pifar, falhar, faltar* (existência negativa).

O estudo da EAP também deve levar em conta as diferenças existentes entre língua oral e língua escrita. Segundo Antonio (2007, p. 32), “As condições de produção dizem respeito à participação, ao tipo de realização e ao planejamento”. Na escrita, não



há um interlocutor e não há necessariamente uma sequência, pois não ocorre em tempo real. Na fala, ocorre o contrário: o diálogo em tempo real exige uma sequência lógica. Sobre o planejamento, tanto o discurso falado como o escrito podem ser planejados ou não. A modalidade escrita não apresenta exatamente a entoação e as pausas, mas, segundo Chafe (1985, *apud* ANTONIO, 2007), há uma tentativa intuitiva de aproximação desses padrões de entoação feita por quem escreve.

É importante, portanto, deixar claro que as diferenças entre a fala e a escrita são maiores ou menores, a depender do planejamento existente nelas, não devendo ser comparadas apenas à fala espontânea com a escrita planejada.

Percebemos, assim, que há uma motivação para a forma como os argumentos lexicais são distribuídos no discurso, levando em conta também a inserção de informações novas, juntamente com outras anteriormente dadas ou pressupostas. No capítulo de análise, veremos mais claramente isso.

### 3. Material e metodologia

#### 3.1 Material

Neste trabalho, foram utilizados textos integrais pertencentes aos séculos XIII a XVI, a saber: *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacence* (XIII-XIV), *Crónica de Afonso X in Crónica Geral de Espanha* (XIV), *História dos Reis de Portugal in Crónica Geral de Espanha* (XV), *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela* (XV), *Crónica do D. Pedro de Meneses* (XV), *Leal Conselheiro* (XV), *Crónica dos Reis de Bisnaga* (XVI) e *Chronica de el-rei D. Affonso V - Vol. II* (XVI).

Esses textos foram extraídos de dois *corpora* informatizados: *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), disponível em <http://www.cipm.fcsh.unl.pt>, e Projeto Gutenberg, disponível em [http://www.gutenberg.org/wiki/PT\\_Principal](http://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal).

Além deles, também foram utilizadas análises realizadas com dados do português falado atual, desenvolvidos por ANTONIO (1998), *Narrativas orais e narrativas escritas: a Estrutura Argumental Preferida, e outras preferências*; por Pezatti (2002), *Estrutura Argumental e Fluxo de Informação*; e por Araújo e Cunha (2007), *A estrutura argumental dos verbos de ação*.

Essas pesquisas nos serviram como ponto de partida para verificar se na fase arcaica do português já havia uma Estrutura Argumental Preferida, mais especificamente, a do verbo *tomar*.

#### 3.1 Procedimentos analíticos

Foram analisadas as pesquisas de alguns autores no português oral para estabelecer uma comparação entre a EAP delas e a EAP encontrada na análise que fizemos de textos de outras sincronias. Dentro da EAP, foram enfatizadas, ainda, as construções com verbos-suporte diversos, que serviram de base para o estudo específico do verbo-suporte *tomar* em fases anteriores da língua portuguesa.

Os excertos, no item 4.2, estão dispostos primeiramente no português arcaico e logo abaixo em uma versão aproximada do português atual. Na análise respectiva a cada excerto, optamos por utilizar os termos no original (português arcaico), uma vez que a versão atualizada gera mudanças na estrutura em alguns casos.

Observamos os seguintes aspectos:

- (i) a transitividade do verbo em cada excerto (transitivo, intransitivo);
- (ii) os argumentos exigidos pelo verbo: se se encontram lexicalizados ou não;
- (iii) a existência ou não de caracterizações específicas das construções-suporte (detransitivização, relativização, caracterização do SN).

Dessa forma, pudemos verificar se há uma EAP para os períodos analisados nesses *corpora* e se essa estrutura segue a mesma preferência do português falado atual.

## 4. Análise dos *Corpora* em Diversas Sincronias

### 4.1 Os textos orais

Analizamos as pesquisas de alguns autores com textos orais do português atual para contrastarmos com os *corpora* selecionados na fase arcaica do português.

Para fazer sua análise, Pezatti (2002) utilizou os inquéritos do NURC-SP, considerando cada argumento do verbo conforme os fatores: *papel sintático*: **St** (sujeito de verbo transitivo), **Si** (sujeito de verbo intransitivo), **O** (objeto); *forma de manifestação*: SN pleno, lexical (n) e não-lexical, pronominal ou elíptico (P); *posição*: antes (pré) ou depois (pós) do verbo. Ela também propõe uma classificação para os verbos conforme a valência, como vimos no capítulo 2.

Uma das regras observadas na EAP é a existência de um único argumento lexical na oração, o qual não desempenha o papel de St (75,1%):

Exemplos:

- (1) de uma certa maneira *ela* abafa até... ahn::capim (DID-SP-18: 20)
- (2) vi matérias assim interessantes para *ela* (D2-SP-360: 168)

Em 1, temos a forma pronominal *ela* no papel de St e, em 2, temos a anáfora zero. Nas ocorrências em que o St é lexicalizado, a estrutura mais encontrada foi em posição pré-verbal (98,3%).

No caso do objeto, porém, ocorre o contrário: ele geralmente vem lexicalizado (81,6%) e posposto ao verbo (96%):

- (3) e [a gente] colocava *sal* (DID-SP-18: 32)

Em relação ao V1~e, há maior ocorrência de SN lexical pré-verbal. Pezatti o denomina *SiPré*. O argumento do V1e, entretanto, geralmente vem posposto e, por isso, é chamado de *SiPós*.

Outro fator verificado nesse estudo da EAP foi o esquema sintático predominante. Observou-se que, com verbos de dois argumentos (V2), predomina o

esquema StØ + ON, seguido de StP + ON, o que confirma a regra já apresentada de único argumento novo por sentença e na posição de O:

(4) [essa campanha de arrecadação de ICM] acarreta *muito trabalho* para vocês (D2-SP-360: 148)

Quando se consideram os verbos de três argumentos expressos, predomina o esquema StØ O1N O2N. Segundo Pezatti (2002), esse esquema foge à regra de um único argumento lexical e não foi tratado por Du Bois (1987), nem por Ashby e Bentivoglio (1992). Nota-se também que, nesse esquema, predominam dois SNs lexicais na função de objeto:

(5) botar *clínica médica gastroenterologia cardiologia* tudo *num departamento de medicina* (DID-SSA-231)

Podemos observar isso na seguinte tabela:

**Tabela 1. EAP de V3, considerando apenas o número de SNs lexicais.**

			Nº	% V3	% geral
2	SNs	Lexicais	9	64,2	1,5
3	SNs	Lexicais	2	14,2	0,3
0	SNs	Lexical	2	14,2	0,3
1	SNs	Lexical	1	7,1	0,1
Total	14		14		589

Com relação aos verbos de um argumento, este predomina para os não-existenciais (V1~e) e para o SiPré pronominal (39,2%), embora a quantidade de SiPré lexical também seja considerável (32,1%). O mesmo não ocorre com os verbos existenciais (V1e), pois estes apresentam, na maioria das vezes, argumentos lexicais (75,8%), caracterizando o SiPós como predominantemente lexical.

Há ainda outros fatores a serem analisados, os quais são responsáveis por determinar a dimensão pragmática da EAP:

- *definidade*: termo que o falante pode reconhecer; Pezatti faz a equivalência entre definido e identificável, indefinido e não-identificável;

- *categoria semântica*: humano/ não-humano e animado/ não-animado;

- *status informacional*: considera-se informação dada aquela que o leitor/ouvinte pode depreender, explícita ou implicitamente, pelo contexto, e informação nova aquela sobre a qual o leitor/ouvinte ainda não tem conhecimento.

De acordo com esses fatores, foi possível perceber a predominância dos traços humano e animado para o argumento St, tendo geralmente como *status* informacional uma informação dada, o que confirma a proposta de Du Bois de que o argumento novo não é o St:

(6) então *eu* tenho muita tarefa também...fora de casa não é? (D2-SP-360:169)

A definidade, porém, não é um traço marcante do argumento O, pois a predominância de indefinido [-def] é pequena. Predominam os traços referentes a entidades não-humanas e não-animadas. Em relação ao *status* informacional, comprova-se a regra da EAP mencionada anteriormente: o argumento novo da sentença é O e não o St:

(7) hoje eu estive vendo... *um livro*... (D2-SP-360:168)

Em relação aos verbos não-existenciais (V1~e), o SiPré é predominantemente definido e a categoria semântica é marcada de forma positiva: humano e animado. Na maioria das ocorrências (89,6%), ele se apresentou como informação dada.

O SiPós, argumento de V1e (verbo existencial), por sua vez, caracteriza-se por ser geralmente indefinido. Nas poucas exceções em que é definido, ele é também uma informação dada ou entendida pelo contexto. Suas categorias semânticas são, na maior parte das ocorrências, não-animado e não-humano:

(8) não apareceu *ninguém* (DID-SP-208: 96)

Du Bois (*apud* PEZATTI, 2002) explica a preferência dos falantes pelo verbo intransitivo por causa da restrição que ele apresenta no fluxo de informação, pois exige menos argumentos. Há, porém, dois tipos de verbos intransitivos no português, os quais foram denominados por Pezatti de existencial e não-existencial. O primeiro atendeu a uma necessidade de se introduzir uma informação nova na sentença, enquanto para os não-existenciais geralmente o argumento é dado.

Pezatti apresenta o que ela chama de uma matriz de traços gramaticais e pragmáticos, especificando cada argumento:

St = [P, +def, +hum, +ani, dado, Pré]

O = [N, -def, -hum, -ani, novo, Pós]

SiPré = [P, +def, +hum, +ani, dado]

SiPós = [N, -def, -hum, -ani, novo]

Observamos que o St é totalmente oposto ao O, assim como o SiPré ao SiPós, sendo o St idêntico ao SiPré (pronominal, definido, humano, animado e dado) e o O, idêntico ao SiPós (lexical, indefinido, não-humano, não-animado e novo).

Apesar de essas regras terem sido verificadas por meio de *corpus*, há exceções que precisam ser consideradas.

Com os verbos de dois argumentos (V2), por exemplo, têm-se alguns esquemas que fogem à EAP: StP OP, StN ON, StN OP.

O primeiro esquema - Sujeito transitivo pronominal e Objeto pronominal - possibilita dois agrupamentos: um relativo à estrutura da oração e o outro, relativo à ordem pragmática.

O agrupamento relativo à estrutura da oração se refere às orações relativas (9), reduzidas (geralmente de infinitivo) (10) e interrogativas (11):

(9) artista *que começa [o ensaio] fora de horário* (DID-SP-234: 192)

(10) ela não tem maturidade... claro... tem onze anos só *para nos julgar* (D2-SP-360: 220)

(11) não sei *como eles chamam* os que... tomam parte (DID-SP-234: 215)

Em 10, por ser reduzida, a oração apresenta o sujeito e o objeto elípticos, pois estes se referem a elementos da oração principal. Nas orações interrogativas parciais (11), também não há SN lexical, pois, como o St já é uma informação dada, ele não é o foco da interrogação.

O outro agrupamento, relativo à ordem pragmática, possui dois subtipos: derivados de determinações puramente discursivo-situacionais e casos em que o objeto é o tópico dado. O primeiro se refere a situações em que o sujeito e o objeto são definidos pelo contexto, com o falante se dirigindo ao interlocutor, expressando subjetividade ou interpelando o ouvinte (12):

(12) estão entendendo mesmo? (REC-EF-337)

O outro subtipo, objeto como tópico-dado, refere-se aos casos em que O é o tópico da sentença, ou seja, segundo Dik (*apud* PEZATTI, 2002: p. 298), “um constituinte com função de tópico apresenta a entidade sobre a qual se faz uma predicação”. Dessa forma, uma grande parte das ocorrências de StP OP apresenta O como tópico-dado, o que o torna geralmente elidido e, às vezes, pronominal, e o sujeito é dado ou indeterminado (13):

(13) reformaram também os departamentos aumentaram ou reduziram de forma que (DID-SSA-231)

Nesse exemplo, o tópico é uma parte de um texto que aborda a estrutura da universidade e, para falar sobre ele, o locutor introduz um subtópico, *os departamentos*.

O objeto pode ainda ser representado por um SN indefinido, para ocupar a posição sintática exigida pela valência do verbo e enfatizar a negação (14):

(14) mas ele não está criando *nada* (EF-POA-278)



O segundo esquema que foge à EAP é StN ON. Suas ocorrências podem ser divididas em dois tipos: um referente a construções com verbos-suporte e o outro, com verbos de estado.

No caso do verbo-suporte, o SN objeto não é considerado verdadeiro objeto, pois não é afetado e individuado (HOPPER e THOMPSON, *apud* PEZATTI, 2002). Nessas construções, os verbos apenas “suportam” as características de modo e tempo, deixando a maior parte de conteúdo semântico para o objeto, construindo, assim, um todo significativo (15):

(15) a Castelo Branco, por exemplo, *chama atenção* (D2-SSA-98)

No caso dos verbos de estado, a estrutura é parecida com a dos verbos-cópula, pois apresentam o sujeito lexicalizado com um predicativo também lexicalizado (16):

(16) agora a *universidade* tem *faculdades* (DID-SSA-231)

O terceiro esquema em desacordo com a EAP é StN OP. Ele também apresenta outros dois subtipos: de *causa mecânica ou estrutural* e de *causa discursivo-pragmática*.

O subtipo de *causa mecânica ou estrutural* se refere a orações relativas (17) e interrogativas (18), que não permitem escolha do falante. Em (18), St é um tópico-novo, aparecendo, portanto, em posição pós-verbal. O contrário ocorre com (17), pois *japoneses* é dado e, por isso, permanece pré-verbal:

(17) ampliação de território *que os japoneses tinham* (EF-RJ-379)

(18) vamos dizer... *de que se compõe a universidade...* administrativamente se estrutura com uhn? (DID-SSA-231)

O outro subtipo, de *causa discursivo-pragmática*, refere-se às estruturas nas quais o objeto se encontra na forma pronominal ou elidido, por se tratar de um tópico-dado, além de ter o sujeito representado por um nome genérico, o que provoca uma indeterminação (19):

(19) quando *a gente já conhece demais* [as estradas] (D2-SSA-98)

O St pode também aparecer em posição pós-verbal, como em (20), pois possui uma estrutura apresentacional:

(20) e junto vai também já preparado *o arroz* (D2-POA-291)

Há ainda os verbos de três argumentos (V3), para os quais há três esquemas de desvio da EAP: o primeiro StØ O1N O2N, o segundo StN O1N O2N e o terceiro, em que nenhum SN é lexicalizado.

No primeiro esquema, StØ O1N O2N, há um grupo que se justifica pela valência do verbo, por ser de três lugares (21), e outro que apresenta verbo-suporte (22):

(21) (o SFH) só *passou* da mão do órgão para a mão do governo (D2-RJ-355)

(22) eu tenho muita tarefa fora de casa não *é? Manter contato com entidades aqui do bairro...* com os pais de alunos e tudo mais... (D2-SP-173)

No segundo esquema, StN O1N O2N, há apenas uma ocorrência, caso em que se propõe uma mudança de tópico e, por isso, todos os SNs aparecem lexicalizados (23):

(23) olhe o senhor falou que *os sindicatos prestam assistência jurídica aos funcionários associados* que tipo de assistência jurídica o sindicato presta? (DID-RE-131)

No terceiro desvio da EAP, nenhum SN aparece lexicalizado por razões discursivo-situacionais, e o falante se dirige a um interlocutor (24):

(24) quanto aos nervos... *repiro a vocês...* (EF-SSA-49)

Com esses exemplos, percebemos que, embora haja alguns casos de desvios, há uma estrutura argumental que prevalece sobre as outras no português atual falado, de acordo com essa pesquisa de Pezatti.

Araújo e Cunha (2007) também pesquisaram sobre a EAP. Os *corpora* por eles analisados são constituídos de textos reais de fala e escrita, extraídos dos *corpora* do Grupo Discurso e Gramática (D&G) da UFRJ, e a sua proposta foi a análise dos argumentos dos verbos classificados como de ação. Para essa análise, os verbos obtidos no *corpus* receberam a seguinte classificação de acordo com a estrutura argumental:

(a) verbo transitivo indireto com Sintagma Nominal; (b) verbo transitivo indireto sem Sintagma Nominal; (c) verbo transitivo indireto com objeto oracional; (d) verbo transitivo direto com Sintagma Nominal; (e) verbo transitivo direto com objeto oracional; (f) verbo transitivo direto sem Sintagma Nominal; (g) verbo transitivo direto e indireto; (h) verbo de movimento com Sintagma Preposicional; (i) verbo de movimento com Sintagma Adverbial; (j) verbo de movimento sem Sintagma Nominal; (l) verbo de movimento com Sintagma Nominal; (m) verbo pronominal. (ARAÚJO e CUNHA, 2007: p. 30)

Segundo esses autores, essa classificação sintática apresenta formas de organização da oração que são preferidas tanto na fala como na escrita, ou seja, a EAP. Ao fazer essa análise, o esperado era que houvesse mais ocorrências de verbos transitivos diretos (VTD) com Sintagma Nominal (SN). Vejamos o quadro apresentado por Araújo e Cunha (2007: p. 31):

**Tabela 2. Análise sintática dos verbos**

	Fala	Escrita	Total
VTD + SN	30,69%	10,57%	41,26%
VTD + Ø	9,60%	1,48%	11,08%
VTD ORACIONAL	4,55%	0,87%	5,42%
VTI + SN	4,19%	1,74%	5,93%
VTI + Ø	1,99%	0,31%	2,30%
VTI ORACIONAL	0,46%	0,36%	0,82%
VTDI	3,42%	1,07%	4,49%
VM + Ø	7,41%	1,69%	9,10%
VM + SPrep	6,18%	1,94%	8,12%
VM + SADV	2,20%	0,56%	2,76%
VM + SN	3,83%	0,66%	4,49%
VP	2,60%	1,63%	4,23%
Geral	77,12%	22,88%	100,00%

Nesta tabela, comprova-se que há uma preferência pela estrutura VTD + SN, pois seu percentual de ocorrência é bem maior do que o das outras estruturas. Além disso, ela ocorre mais na fala do que na escrita (30,69% e 10,57%, respectivamente). A construção VTD + Ø aparece em segundo lugar. Nela há o apagamento do complemento verbal, ou por já ter sido citado anteriormente (informação dada), ou por pertencer à semântica do verbo. Dessa forma, Araújo e Cunha (2007) reagruparam as construções em: verbos transitivos diretos, verbos de movimento, verbos transitivos indiretos, verbos transitivos diretos e indiretos e verbos pronominais recíprocos.

Nessa nova divisão, o primeiro grupo teve 57,76% das ocorrências, mais do dobro do segundo, que teve 24,47%; o terceiro grupo obteve uma frequência de 9,05% dos casos; o quarto, 4,49%; e o último, 4,23%. Os autores observaram ainda que, independentemente da natureza do complemento verbal, 77,52% das ocorrências possuíam-no e 22,48% não possuíam complemento.

Com relação à semântica dos verbos, Araújo e Cunha (2007) estabeleceram quatro grupos: ação, processo, ação-processo e estado. O primeiro grupo, o dos verbos de ação, foi o foco desses autores. É caracterizado por construções nas quais o sujeito é um agente que não afeta o objeto, sendo, muitas vezes, intransitivo. Nos verbos de processo, o sujeito é paciente, pois sofre o processo indicado pelo verbo. Os verbos de ação-processo recebem esse nome por possuírem características dos dois grupos

anteriormente citados, geralmente apresentando dois argumentos: o sujeito agente e o objeto afetado pela ação do verbo. No último grupo, os verbos de estado “indicam a condição em que se encontra o SN sujeito, independentemente de essa condição ser permanente ou transitória.” (ARAÚJO e CUNHA, 2007, p. 33)

Nos *corpora* analisados por Araújo e Cunha (2007), encontraram-se os seguintes percentuais:

**Tabela 3. Classificação semântica dos verbos**

	Fala	Escrita	Total
Ação	24,97%	7,30%	32,27%
Ação-processo	38,66%	11,39%	50,05%
Processo	2,81%	0,87%	3,68%
Estado	10,67%	3,32%	13,99%
Total	77,12%	22,88%	100%

Os autores constataram com essa tabela que a estrutura argumental semântica preferida ocorre com verbos de ação-processo, ou seja, os que têm um sujeito intencional realizando uma ação, a qual afeta um objeto paciente. Apesar disso, eles não apresentaram exemplos por não ser esse tipo de verbo o foco da pesquisa, mas sim os verbos de ação.

Com relação aos verbos de ação, encontrados em 32,27% das ocorrências, foi observado também que em 63% delas não havia um complemento verbal. Essa porcentagem define, então, a estrutura argumental preferida desse tipo de verbo.

(25) “(...) nesse momento ... chega a Mulher Gato ... quando a Mulher Gato chega (...) então ele começa a dar tiro nela (...) e quando chega no quinto tiro e num mata ela ... então sem ela morrer ela sai”. (Corpus D&G, p. 307).

(26) “Pela madrugada, todos foram obrigados a acordar (...). Parecia que estávamos em uma guerra, a gente se arrastava, pulava, caía, corria.” (Corpus D&G, p. 316).

Esses fragmentos foram extraídos de dados de língua falada e de língua escrita, respectivamente. Neles podemos visualizar essa EAP na qual os verbos não exigem complemento verbal, nominal e nem apresentam adjuntos; essa é a estrutura preferida para os verbos de ação estudados.

Quem também desenvolveu uma pesquisa sobre a EAP foi Antonio (1998). Seu objetivo foi observar as diferenças existentes entre as narrativas orais e escritas dos informantes do curso de Letras e de Comunicação.

Antonio (1998) adota a tipologia verbal de verbos transitivos, intransitivos, copulativos, existenciais-apresentativos e verbos-suporte. Para os três primeiros, ele leva em conta as definições tradicionais. “Os verbos existenciais-apresentativos, segundo Pezatti (1996), denotam a existência positiva ou emergência de uma entidade (*ser, ter, existir, haver, acontecer, ocorrer, aparecer, surgir*), além da existência negativa (*faltar, falhar*).” (ANTONIO, 1998, p. 75). Na última categoria, dos verbos-suporte, o SN não funciona como objeto, e sim como adjunto, não fazendo parte da estrutura argumental do verbo.

O autor usa os símbolos **S** (sujeito de verbo intransitivo), **A** (sujeito de verbo transitivo), **O** (objeto de verbo transitivo) e **X** (argumento do verbo de cópula). Dessa forma, os verbos transitivos podem possuir dois ou três argumentos, nas funções de **A** e **O**, e os demais tipos apenas um argumento, nas funções de **S** ou **X**.

Constatou-se que predominam, nas narrativas dos *corpora* dessa pesquisa, os verbos transitivos e intransitivos. Em seguida, encontram-se os verbos-copulativos com uma frequência variando entre 6% e 9%. Os dois últimos possuem uma porcentagem bem menor, ficando os verbos existenciais-apresentativos com 1,5% a 3% e os verbos-suporte com apenas 0,5%.

A porcentagem de verbos transitivos encontrada nas narrativas escritas é maior do que nas narrativas orais, nas quais prevalecem os verbos intransitivos e copulativos. Ao comparar os informantes de cada curso analisado, constatou-se que, nas narrativas do curso de Letras, os verbos transitivos e os existenciais-apresentativos aparecem mais frequentemente do que no curso de Comunicação. Nesse curso, por outro lado, há mais ocorrências de verbos intransitivos e copulativos do que naquele.

Antonio (1998) compara os resultados obtidos em sua pesquisa com os de Du Bois (1987), Ashby & Bentivoglio (1993), Dutra (1987), Pezatti (1996) e Brito (1996). Essa comparação é feita baseada nas restrições gramaticais e pragmáticas.

A primeira restrição gramatical, um argumento lexical por oração, é confirmada nos *corpora*, pois a porcentagem de orações com mais de um argumento lexical é de apenas 3% a 7%, enquanto com um argumento lexical é de 48% a 57% e, sem nenhum argumento, é de 37% a 49%. Os resultados encontrados por Du Bois foram semelhantes: 51,2% com um argumento lexical, 47,6% com nenhum e apenas 1,1% com mais de um argumento lexical.

Aos observarmos separadamente as construções com cada tipo de verbo, notamos que, com verbos transitivos, a estrutura preferida se repete: 48% a 51% das ocorrências com um argumental lexical, 38% a 44% sem argumentos lexicais e 6% a 14% com mais de um argumento. Essa estrutura se assemelha à obtida por Du Bois (1987) e Dutra (1987), com poucas diferenças na porcentagem, como as orações sem argumento lexical em Dutra (1987) e com dois argumentos em Du Bois (1987), conforme dados da Tabela 4.

**Tabela 4. Número de argumentos lexicais por oração (verbos transitivos) na pesquisa de Du Bois (1987) e de Dutra (1987)**

	Du Bois (1987)	Dutra (1987)
0	46,9%	20%
1	50,3%	68%
2	2,8%	11%

Com os verbos intransitivos, porém, há diferenciação entre a modalidade escrita e oral. Foi encontrada uma frequência maior de orações sem argumentos lexicais nas narrativas orais (52% a 59%) do que orações com um argumento (41% a 48%), enquanto nas narrativas escritas há mais orações com um argumento (64,5% a 68%) do que sem (32% a 35,5). Na pesquisa de Dutra (1987) não ocorre o mesmo: há uma frequência de 44% de orações sem argumentos lexicais e 56% com um argumento, equiparando-se com as narrativas escritas.

Nessa pesquisa de Antonio (1998), os verbos copulativos seguem a mesma regra dos transitivos: maior frequência de orações com um argumento lexical do que sem esse argumento. Em Dutra (1987), porém, os verbos copulativos assemelham-se aos intransitivos, com menos orações com um argumento lexical (39%) do que sem (61%).

As construções com verbos existenciais-apresentativos seguem a EAP dos verbos transitivos e copulativos com 71% a 94% de orações com um argumento lexical

e 6% a 29% de orações sem esse argumento. Esse tipo de verbo não foi quantificado nas outras pesquisas, não sendo possível compará-lo aos resultados de Antonio (1998).

Esse estudo mostra que há uma preferência pelo uso de um único argumento lexical, o que confirma a primeira regra de restrição gramatical, a qual afirma esse uso.

A outra regra gramatical é a de restrição do **A** não-lexical. O argumento **A** (sujeito transitivo) dificilmente vem lexicalizado, apresentando a frequência de 15% a 28%, enquanto para o argumento **S** foi obtido 45% a 69%, para **X** 54% a 69% e para **O** 58% a 62%. Isso demonstra a baixa preferência pela inserção de argumentos novos na função de **A**.

Nas pesquisas de Du Bois (1987) e Ashby & Bentivoglio (1993), **A** é lexicalizado em 6% a 7% das ocorrências. Em Pezatti (1996) e Brito (1996), há uma maior frequência dessa lexicalização: 24,3% e 32%, respectivamente, o que se aproxima dos estudos de Antonio (1998): 15% a 28%. Apesar dessa variação de frequências, confirma-se a preferência pela restrição do **A** não-lexical.

Na dimensão pragmática, a primeira regra é de um argumento novo por oração. Essa regra é confirmada nos *corpora* analisados por Antonio (1998), pois a frequência de orações com dois argumentos novos é de apenas 0,2% a 0,5%, a das orações sem argumentos novos é de 76% a 85,8% e a das orações com um argumento novo é de 14% a 23,8%.

Não é possível comparar esses dados com os das outras pesquisas que foram usadas por Antonio (1998), pois nessas não há essa quantificação com os tipos de verbos juntos. Veremos, então, cada tipo separadamente.

A restrição de um argumento novo por oração se confirma com verbos transitivos. Oações com dois argumentos novos apresentaram a frequência de apenas 1%. As orações sem argumentos novos tiveram a maior porcentagem (73,5% a 82,5%) e, em seguida, ficaram as com um argumento novo (17% a 25,5%).

Foram encontrados resultados semelhantes em Du Bois (1987), porém não há ocorrências de orações com dois argumentos novos. A maior porcentagem é novamente para orações sem argumento novo (72,4%), ficando com 27,6% as orações com um argumento novo.

Para os verbos intransitivos, predominam também as orações sem argumentos novos (82% a 92%), restando às orações com um argumento novo a porcentagem de 7% a 18%. Não foi possível comparar esse resultado com os outros autores até agora vistos, porque eles não analisaram especificamente as construções com verbos intransitivos.



As construções com verbos copulativos apresentaram o mesmo resultado das construções com os intransitivos. As orações sem argumentos novos obtiveram 71% a 87,5%, enquanto as de um argumento novo obtiveram 12,5% a 29%.

A análise das construções com verbos existenciais-apresentativos resultou em frequências diferentes dos demais tipos de verbos: nas narrativas escritas, ocorrem mais orações com um argumento novo (67% a 69%) do que sem ele (31% a 33%); nas narrativas orais do curso de Letras, foi encontrada a mesma frequência de orações com um argumento novo e de orações sem ele; nas narrativas orais do curso de Comunicação, porém, essa frequência se inverteu: 43% de construções com um argumento novo e 57% sem ele, reafirmando o maior uso de informações dadas na fala como estratégia para melhor compreensão do todo.

Não foram quantificados os dados das pesquisas dos outros autores especificamente para os verbos copulativos e existenciais-apresentativos, por isso não é possível estabelecer uma comparação com os dados descritos por Antonio (1998). Ainda assim, esses dados foram suficientes para comprovar a preferência pelo não uso de mais de um argumento novo por oração.

A segunda regra da dimensão pragmática é a restrição do **A** não-novo, regra que é confirmada na pesquisa de Antonio (1998), pois **A** só introduz informação nova em 2% a 3,5% das ocorrências, enquanto para **S** a porcentagem ficou entre 9% e 24%, para **X**, entre 12% e 29%, e para **O**, 22% a 29,5%.

Essas frequências, entretanto, não comprovam a teoria de Ashby & Bentivoglio (1993) de dividir **S** para os sujeitos de verbos intransitivos e **X** para os copulativos, pois a frequência encontrada para ambos é semelhante.

Pezatti (1996) constatou que “os verbos existenciais-apresentativos favorecem o aparecimento da “ordem invertida”, isto é, a colocação do argumento em posição pós-verbal” (*apud* ANTONIO, 1998, p. 102). Isso foi comprovado nos *corpora* analisados por Antonio (1998), pois a porcentagem obtida ficou entre 71% e 83% desse tipo de verbo em posição pós-verbal.

Em todas as pesquisas, o argumento **A** obteve a menor frequência na inserção de informação nova. Apenas em Brito (1996) não foi comprovada essa teoria, pois seus estudos encontraram 34% de informação nova introduzida por **A**, contrapondo-se ao outro estudo em português: Pezatti (1996) obteve 8,7% para **A** introduzindo informação nova.

Percebemos, entretanto, que há uma preferência pelo não-uso do argumento **A** como introdutor de informação nova, cabendo ao **S** e ao **O** essa função. Isso se explica pela questão de continuidade tópica, pois, em geral, **A** retoma algo anteriormente citado, enquanto **O** introduz um novo argumento.

Em relação às diferenças entre narrativas orais e escritas dos informantes do curso de Letras, encontra-se, na pesquisa de Antonio (1998), maior uso de argumentos lexicais e argumentos novos em narrativas escritas do que em orais. Isso se explica, segundo Du Bois (1987), pelo esforço de atenção que exigiria do falante a introdução de um novo argumento em um discurso oral não-planejado, enquanto na produção escrita o processo ocorre de maneira mais lenta, facilitando uma maior inserção de informação (CHAFE, 1985, *apud* ANTONIO, 1998).

Antonio (1998) analisou também essa mesma diferenciação com os informantes do curso de Comunicação, em que os resultados foram iguais aos do curso de Letras: encontra-se nas narrativas escritas mais frequência de argumentos lexicais e novos do que nas narrativas orais.

Quando contrastadas as narrativas dos dois cursos, o autor observou que no curso de Comunicação houve maior frequência de argumentos lexicais nas narrativas do que no curso de Letras. Por outro lado, nesse curso houve maior utilização de argumentos novos do que naquele, principalmente na modalidade oral.

Essa diferenciação está ligada à forma de retomada utilizada por cada curso. As narrativas orais apresentaram, como porcentagem do argumento **S** trazendo informação não-nova, 30% no curso de Comunicação e 24% no curso de Letras. Isso se inverte nas narrativas escritas, pois o argumento **S** apresentou 30% nas narrativas dos informantes do curso de Letras e 37% para os do curso de Comunicação.

Para o argumento **A** lexical apresentado sem informação nova, obteve-se 13% de ocorrências para as narrativas orais de Letras e 19% das orais de Comunicação. Nas narrativas escritas, o resultado foi semelhante: 15% para o curso de Letras e 25% para o de Comunicação.

Seguindo essa mesma preferência, temos o argumento **O** com maior frequência de lexicalização do curso de Comunicação do que no de Letras, pois nas narrativas orais encontrou-se 44% de ocorrências neste curso e 51% naquele, e nas narrativas escritas 43% neste e 44% naquele.

Diante desses dados da pesquisa de Antonio (1998), percebeu-se que as restrições da EAP se confirmam tanto no curso de Letras quanto no de Comunicação, tanto na modalidade escrita, quanto na modalidade oral.

Esses estudos realizados por Pezatti (2002), Araújo e Cunha (2007) e Antonio (1998) evidenciam que há uma EAP utilizada pelos falantes de português, fato que nos levou ao questionamento de se em fases anteriores da língua portuguesa esse fenômeno já se fazia presente e de que maneira. Para tanto, escolhemos o verbo *tomar*, cuja frequência se mostrou maior em textos da fase arcaica (séculos XIII-XVI), e menor, à medida que esse verbo, em construções-suporte, passou a ser substituído pelo verbo *ter*.

#### 4.2 O verbo-suporte *tomar* em sincronias anteriores

Para estudarmos as ocorrências do verbo *tomar* como verbo-suporte em sincronias anteriores, selecionamos os textos em ordem cronológica e analisamos as estruturas encontradas nos séculos XIII-XIV, XV e XVI.

Observemos:

(27) Oo irmão Jacobo, **tomemos** oje **gram prazer** e **alegrya** com os angeos...

(27) *Ó, irmão Jacobo, hoje tomemos grande prazer e alegria com os anjos...*

(28) O filha non chores nem facas planto, mais ante **toma prazer** e **alegria** com os angeos...

(28) *Ó, filha, não chores, nem faças pranto, mas antes toma prazer e alegria com os anjos...*

Esses dois excertos analisados são de *Vidas de Santos*, séculos XIII-XIV. Nos dois, percebemos que o que seria tradicionalmente considerado o objeto une-se ao verbo suporte *tomemos* para criar uma nova estrutura, cujos verbos plenos correlatos seriam *comprazer-se* e *alegrar-se*. A preferência por essa estrutura, como foi citado no primeiro capítulo, ocorre, entre outros motivos, pela possibilidade de caracterização que gera: *tomemos oje gram prazer*. Nesses excertos, o Si está elíptico, não há argumento

lexical algum na oração. Isso é possível, pois o sujeito se trata de uma informação dada, ou seja, já apresentada anteriormente, *O filha*. Além disso, a ausência de um complemento retrata uma característica do verbo-suporte: a redução da valência verbal. O verbo *tomar*, que antes exigiria esse complemento, na construção suporte não exige mais.

(29) E, por que o infante don Johan era casado con sua filha, atrevedosse en ele, dizia que querya **tomar conta** das rendas do reyno e saber como se despendian, pareçendolhe que non eram despesas como devyan.

(29) *E investindo nele, porque o infante don Johan era casado com sua filha, dizia que queria **tomar conta** das rendas do reino e saber como se gastavam, parecendo-lhe que não eram gastas como deviam.*

Nesse excerto, extraído de *Crónica de Afonso X in Crónica Geral de Espanha*, do século XIV, observamos que a construção com verbo-suporte *tomar conta* também não apresenta sujeito expreso por ser uma informação dada, mas, dessa vez, esse sujeito elíptico é o St, e o O é um argumento lexical, *das rendas do reyno*, que vem expreso na posição pós-verbal. Nessa construção suporte, não há caracterizações específicas desse tipo de verbo.

(30) A nova ydade del rey, **tomando grande impressom** dalgũas falsas enformações e palavras de çertos que tiinhan odio ao iffante don Pedro...

(30) *A idade nova do rei, **tomando grande impressão** de algumas falsas informações e palavras, certamente que tinham ódio do infante don Pedro...*

Esse excerto é de *História dos Reis de Portugal in Crónica Geral de Espanha*, do século XV. Novamente o St está elíptico, O é o argumento lexical, *dalgũas falsas enformações e palavras*, e está em posição pós-verbal. O verbo-suporte *tomando impressom* possibilita a caracterização gerada por *grande*, o que não seria possível com um verbo pleno.

(31) E bem podemos desto **tomar exemplo** das desvairadas maneiras de vyver dos homẽes...

*(31)E podemos bem disso **tomar exemplo** das variadas maneiras de viver dos homens...*

(32) E per aquesta guisa o que **tomar esta pratica** saibha que sobr'esto poderá na justa bem trazer seu cavallo...

*(32) E, dessa forma, aquele que souber **tomar esta prática** poderá compor bem o cavalo no combate....*

(33) E quanto ao primeiro erro, por que todo nace da voontade, a qual determyna nom querer encontrar com **receo que dello toma**...

*(33) E, quanto ao primeiro erro, porque tudo nasce da vontade, a qual determina não querer encontrá-lo, com **receio que toma dele**...*

(34) E aqueste exemplo ponho aquy por cada hũũ conhecer se acerta bem em esta manha [...] e esso meesmo **tomarem avysamento**...

*(34) E dou aquele exemplo para que cada um se acerte bem nesta manhã e **tome esse mesmo aviso**...*

Esses quatro excertos são do *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela*, do século XV. Em (31), novamente temos o St elíptico, O é o argumento expesso lexicalmente (*desto*). Nesse caso, porém, o argumento vem em posição pré-verbal e a construção-suporte *tomar exemplo* não apresentou caracterização específica alguma dessas construções.

Em (32), o Si vem elíptico, implícito no *o que*; há uma construção-suporte, *tomar pratica*, e o seu SN é caracterizado pelo pronome *esta*. Além disso, há também a detransitivização, pois o verbo possui apenas o sujeito como argumento verbal.

Em (33), St encontra-se também elíptico; o argumento lexical *dello* vem no interior da construção-suporte, o que não se enquadra na ordem direta e nem havia sido pensado pelos estudos anteriores, uma vez que o verbo pleno não admite isso. Além disso, essa construção ocorre também invertida: *receo que toma* e no lugar de *toma receo*. Há uma relativização gerada pelo pronome *que*. Nesse excerto, a estratégia

utilizada é a relativização resumptiva, pois o pronome *dello* preenche o espaço deixado pela ausência da preposição que acompanharia o pronome que: *de que toma receo*.

No excerto (34), Si vem expresso lexicalmente (*esso mesmo*), ou seja, há uma informação nova apresentada na função do sujeito. Há, também, uma redução da valência verbal na construção *tomarem avysamento*, pois não se faz necessária a presença de um segundo argumento para o verbo além do sujeito.

Os excertos seguintes ((35) a (71)) foram extraídos da *Crónica do D. Pedro de Meneses*, pertencente ao século XV:

(35) ...podeys emxecutar quallquer cousa que semtyrdes por bem do comum della, nen vos **tomo menagem** do castello nem da cidade...

(35) ... *podeis executar qualquer coisa que sentirdes por bem do comum dela, nem vos **tomo menagem** do castelo nem da cidade...*

(36) ...ou perventura verieis, muy grandes esperemçias de semelhantes feitos & por ello deveis de **tomar muy grande cuydado** de...

(36) ...*ou porventura verieis, mui grandes esperanças de semelhantes feitos e por ele deveis **tomar muito grande cuidado** de vós...*

(37) ...toda Africa lhe dara socorro, caa esta enjuria non somente he daquestes vezinhos & naturais desta çidade, mas de toda a llynhagen dos filhos d'Agaar, que sam muitos mais em nossa pequena comparação que as areas dos desertos de Libia, os quais, ouvindo os gemidos da gemte de sua seyta, acudiram sobr'elles & vyram **tomar aquella crua vingamça** que os tais ymigos soem de desejar daquelles que os desapoderan de sua propia terra & lhes matam & tomam aquellas cousas que amam.

(37) ...*toda África lhe prestará socorro, pois esta injúria não é somente dos vizinho e naturais da cidade, mas também de toda a linhagem dos filhos de Agaar, que são muitos do que os das áreas dos desertos da Líbia, os quais, ouvindo os gemidas da gente de sua seita, acudiram-na e viram **tomar aquela crua vingança** que os tais inimigos costumam desejar àqueles que os desapoderam de sua própria terra e matam-nos e tomam aquelas coisas que amam.*

Nesses três excertos, o sujeito está elíptico, sendo em (35) e (36) St e em (37) Si. Em (35), há dois argumentos expressos para O: *vos*, em posição pré-verbal, e *do castello nem da cidade*, em posição pós-verbal. Em (36), o O está em posição pós-verbal e o verbo-suporte *tomar cuydado* vem com uma função específica desse tipo de construção: a caracterização do SN com *muy grande*. Em (37), não há argumentos expressos lexicalmente, ou seja, o único argumento, Si, é uma informação dada, e a construção *tomar vingança* recebe a mesma caracterização de (36), com *aquella crua*.

(38) Era ho comde dom Pedro de graciosa pallavra & homem que fallava sabedormemte, como aquelle que em sua moçidade apremdera muito das artes liberaes, e assy **tomarão** aquellas gentes **temerosas ousyo** daquellas rrazões que lhe assy disse & tambem doutras que lhe os fidallos deziam cada hũ en sua parte.

(38) *O conde dom Pedro possuía tão graciosa palavra e era um homem tão sábio, como homem que aprendera muito sobre as artes liberaes em sua mocidade, que aquelas gentes **temerosas tomaram ousadia** daquelas palavras que ele lhes disse e também de outras que os fidallos lhes diziam cada um a sua vez.*

(39) ...cayo morto no chão, de cuja dor os outros mouros **tomarom tamanho semtydo**, que casy per vingança se envolverão muy rrijamente com hos cristãos.

(39) *...caiu morto no chão, de cuja dor os outros mouros **tomaram tamanho sentido** que quase por vingança se envolveram muito duramente com os cristãos.*

Em (38), temos, pela primeira vez, um St lexicalizado: *aquellas gentes temerosas*. Além disso, ele vem no meio do verbo-suporte *tomarão ousyo*. Há também o O lexicalizado e em posição pós-verbal, *daquellas rrazões*. Isso significa que há duas informações novas.

No excerto (39), temos Si lexicalizado: *os outros mouros*. A construção-suporte *tomarom semtydo* tem o seu SN caracterizado por *tamanho* e apresenta também uma

redução da valência verbal, pois não exige o objeto. Nesse caso, temos apenas uma informação nova, mas ela não vem em O, como na maioria dos casos, mas sim em Si.

(40) No qual conselho todos acordarão, e assy **tomarom por costume** de chegar cada dia tam perto dos muros, que podiam ser bem vistos dos cristãos...

*(40) Conselho com o qual todos concordaram, e assim **tomaram por costume** chegar cada dia mais perto dos muros, de forma que podiam ser vistos pelos cristãos...*

(41) - Agora - dizia elle per suas arabicas pallavras - esforçae, senhores & amigos, caa tempo he jaa de **tomardes vingança** destes descreudos.

*(41) – Agora – dizia ele com suas palavras árabes – esforçai, senhores e amigos, pois já é tempo de **tomardes vingança** desses descrentes..*

(42) Poren aynda os emcallçarão & ferirão allgūs, amtre os quais matarão hũ cavaleiro velho, senhor de muyta gente, por cuja morte todolos mouros da terra d'Amjara **tomarão grande doo**.

*(42) Por isso alguns ainda os encalçaram, feriram e mataram, entre os quais um cavaleiro velho, senhor de muita gente, de cuja morte todos os mouros da terra de Amjara **tomaram grande compaixão**.*

Em (40) e (41), temos St elíptico, cujos argumentos lexicais ocupam a função de O e são, respectivamente, *de chegar cada dia tam perto dos muros* e *destes descreudos*. Em (42), temos Si lexicalizado, *todolos mouros da terra d'Amjara*, sendo esse argumento a informação nova da oração. O verbo-suporte *tomarão dōo*, além de apresentar uma detransitivização, também recebe uma qualificação para o seu SN, *gramde*.

(43) Por çerto bem mostrou aquelle mouro mamçebo a gramde força do amor que há amtre ho padre & o filho, caa quamto nelle foy nunca çessou de trabalhar por vimgar a morte daquele que ho gerou, rrequeremdo seus amigos que **tomassem parte** daquelle sentymemto ajudamdo aaquella vingança.



(43) *Aquele mouro mancebo certamente mostrou bem grande força do amor que há entre o pai e o filho, pois nunca parou de lutar para vingar a morte daquele que o gerou, requerendo seus amigos que **tomassem parte** daquele sentimento, ajudando naquela vingança.*

(44) E por em, amtre aquelles que viviam naquella esperança de tornar a cobrar a çidade, se ajumtarão allgüs & fallarão amtre sy sobre **aquella demamda que queriam tomaar...**

(44) *E por isso, entre aqueles que viviam naquela esperança de tornar a cobrar a cidade, ajuntaram-se alguns e falaram entre si sobre aquela **demanda que queriam tomar...***

Em (43), temos St elíptico; o O é o argumento lexicalizado, *daquelle semtymemto*, que está em posição pós-verbal. A construção-suporte *tomassem parte* não recebeu nenhuma característica específica dessas construções. Em (44), Si está elíptico; a construção-suporte *tomar demanda* vem expressa em ordem inversa, seu SN é caracterizado por *aquella* e há, ainda, uma redução da valência verbal. Nesse excerto, encontra-se uma relativização padrão, pois não há o apagamento da preposição antecessora do pronome relativo, no caso *sobre*.

(45) ...pera verdes o que digo, vede como nos vem afastamdo pouco & pouco d'açerca da çidade & **tomamdo tamanho ousyo...**

(45) *...para ver o que digo, vê como nos vem afastando pouco a pouco da cidade e **tomando tamanha ousadia...***

(46) Eu diria que nos **tomassemos conselho** de viver, que cada hũ buscasse sua vida omde melhor emtemdesse...

(46) *Eu diria que **tomassem conselho** de viver, que cada um buscasse sua vida onde melhor entendesse...*

(47) Affomso Bugalho com hos outros que ho aviam de seguyr **tomaron temto** em fazer o que lhe o comde mamdara...

(47) *Afonso Bugalho com os outros que o haviam de seguir **tomaram tento** em fazer o que o conde lhe mandara...*

Em (45), Si está elíptico; a construção-suporte *tomamdo tamanho ousyo* não exige um complemento, gerando uma detransitivização comum a esse tipo de construção. Outra característica comum encontrada nesse excerto é a qualificação do SN *ousyo* feita por *tamanho*. Em (46) e (47), temos St elíptico com O lexicalizado, sendo *O de viver* e *em fazer o que o conde lhe mandara*, respectivamente. Nenhum dos dois apresenta características específicas da construção-suporte.

(48) O cuydado do comde não hera outro senan afastar os mouros quanto podesse d'açerca da çidade & guerrea-llos por tall guisa que deyxassem sua vezinhamça. & por em mamdou suas escuitas que fossem ver hũ lugar que chamavano Vall de Laramjo, & que esguardassen bem a gemte que hera, & quamta de pelleja, os quais, comprimdo o que lhe foy mamdado, esguardarão bem aquelle lugar, no quall non acharano mais que #XX mouros que fossem pera **tomar armas**

(48) *O cuidado do conde não era outro senão afastar os mouros da cidade o quanto pudesse e guerrear com eles de tal modo que deixassem sua vizinhança. E por isso mandou que seus espiões fossem ver um lugar que chamavam Val de Laramio [...] cumprindo o que lhes foi ordenado, observaram bem aquele lugar, no qual não acharam mais que vinte mouros para **tomar armas**...*

(49) - Amigos, jaa me parece que nos nossos ymigos vão **tomamdo temor**, pois nos leyxan a terra & se vão allomgamdo de nos.

(49) – *Amigos, já me parece que nossos amigos vão **tomando temor**, pois deixam nossa terra e vão se afastando de nós.*

Em (48), Si está elíptico; a construção-suporte *tomar armas* não exige um complemento, gerando uma detransitivização comum a esse tipo de construção. Ocorreu, portanto, o mesmo caso de (45), diferindo apenas em não haver em (48) uma caracterização do SN, que seria totalmente possível.

Em (49), temos Si lexicalizado: *nossos ymigos*, bem como a detransitivização, pois a construção *tomando temor* não exige um complemento.

(50) Grande vontade tinha Gomçallo Nunez Barreto de rreprender ao comde, seu primo, aquelle **atreuimento que tomara** de seguir os mouros...

(50) *Grande vontade tinha Gonçalo Nunez Barreto de repreender o conde, seu primo, daquele **atreuimento que tomara** de seguir os mouros...*

(51) E por en, tanto que o comde foy mimgoamdo de sua primeira door, Gomçallo Nunez fallou con Allvaro Memdez Çerveira que lhe ajudasse a fallar a seu primo & lhe rreprender aquella **ousadia que tomara**...

(51) *E por isso, assim que o conde sentiu menos dor, Gonçalo Nunez falou com Álvaro Mendez Cerveira para que lhe ajudasse a falar com seu primo e a repreender aquela **ousadia que tomara**...*

(52) ... quando outro beesteyro que estava junto com aquelle enviou outra, com que lhe ferio o cavallo em hũa ylharga, o qual con ha dor da ferida começou de llamçar muy grandes pernadas [...] com ho **trabalho que tomava** com ho sentimento da dor...

(52) *...quando outro soldado que estava junto com aquele enviou outra, com que ele feriu o cavalo no ventre, o qual, com a dor da ferida, começou a correr e [...] com o **trabalho que tomava** com o sentimento da dor...*

(53) O comde pos suas guardas como sentio que compria pera sua melhor seguramça &, sendo jaa hũa ora depois de mea noite, o comde se llevamtou dallgũ pequeno **rrepouso que tomara**...

(53) *O conde colocou sua vestimenta como achou que devia para sua melhor segurança e, sendo já uma hora depois da meia-noite, ele se levantou de um pequeno **repouso que tomara**...*

Nesses quatro excertos, (50), (51), (52) e (53), as construções-suporte encontram-se relativizadas pela estratégia cortadora, ou seja, sem o uso da preposição. Em (50), temos o St elíptico, sendo O lexicalizado: *de seguir os mouros*. Nos outros três

excertos, temos Si elíptico, não havendo, portanto, argumentos lexicalizados, ou seja, houve uma redução da valência verbal. As quatro construções apresentam a ordem inversa, característica comum aos verbos-suporte, em especial na fase arcaica.

(54) ...este, vendo a crueldade que fizeram em seu senhor, foy-se a Çepta, **tomando por vingança** em ajudar os cristãos a guerrear aaquelles africanos.

(54) ...este, vendo a crueldade que fizeram com seu senhor, foi-se a Cepta, **tomando por vingança** ajudar os cristãos a guerrear aqueles africanos.

(55) Vyeram-se pello rrio a fundo & na barra delle **tomaram seu rrepouso** todo aquele dia, sem avendo nenhũa contrariedade.

(55) Vieram pelo rio a fundo e na beira dele **tomaram seu repouso** todo aquele dia, sem ter qualquer contrariedade.

(56) Bem he que tremetamos amtre os feitos do mar allgũa cousa da terra, porque nossos ouvidos non **tomem fastio** de ouvir sempre as cousas...

(56) É bom que introduzamos entre os feitos do mar alguma coisa da terra, para que nossos ouvidos não **tomem fastio** de ouvir sempre as coisas...

Em (54), temos uma das estruturas mais comumente encontradas: St elíptico e O lexicalizado, *em ajudar os cristãos a guerrear aaquelles africanos*. Em (56), porém, temos dois argumentos apresentando informação nova: St, *nossos ouvidos*, e O, *de ouvir sempre as cousas*.

No excerto (55), Si encontra-se elíptico, não havendo argumentos lexicais. Isso ocorre por uma característica própria do verbo-suporte: a redução da valência verbal, pela qual o verbo não exige o argumento O. Além disso, na construção *tomaram seu rrepouso*, observamos uma caracterização do SN pelo pronome *seu*, o que não seria possível com um verbo pleno.

(57) E aquelle mao arrenegado vinha diamte, & hũ homen de pee do comde que estava en hũ portall rremessou-ho com hũa lamça & deu con elle morto

em terra. & da morte daqueste **tomaran** os outros **tall espamto**, que se afastaran a fora...

(57) *E aquele mau renegado vinha adiante, e um homem que estava em um portal ao pé do conde arremessou-lhe uma lança e deu com ele morto em terra. E da morte dele **tomaram** os outros **tal espanto** que se afastaram para fora...*

(58) - Senhor - tornou aquelle mouro - eu **tomarey dello bom cuydado**...

(58) - *Senhor - tornou aquele mouro - eu **tomarei bom cuidado** dele...*

(59) ...estando hũa barca de hũ mercador que se chamava Allvaro Pirez sobre o porto daquela çidade, vieram de noite allgũs mouros & fylhara-na, de que ho comde **tomou cuydado**, mais pelo atrevimento dos ymigos que pella perda do navio.

(59) *...estando uma barca de um mercador que se chamava Álvaro Pirez sobre o porto daquela cidade, vieram de noite alguns mouros e tomaram-na, de que o conde **tomou cuidado**, mais pelo agravamento dos inimigos do que pela perda do navio.*

Nos excertos (57) e (58), observamos a presença de St e O lexicalizados. Em (57), St, *os outros*, encontra-se no meio da construção-suporte, caracterizando uma ordem inversa, não só pelo St, mas também pelo O, *da morte daqueste*, pois aparece antes do verbo. Além disso, há uma caracterização do SN: *tall espamto*.

Em (58), também há inversão da ordem, pois o objeto *dello* está no meio de *tomarey bom cuydado*, existindo novamente um SN caracterizado: *bom cuydado*.

Em (59), temos St como único argumento lexicalizado: *o conde*, pois O encontra-se elíptico, sendo identificado pelo contexto: *de que...* Não há caracterizações específicas do verbo-suporte. É o primeiro caso em que temos uma informação dada em O.

(60) ...& ally poseran hũ pemdão em hũa barqueta pera **tomaren seguro**...

(60) *...e ali puseram um pendão em uma barqueta para **tomarem seguro**...*

(61) Que **espamto** he este tam desarrazoado que vos **toma**?

(61) *Que **espanto** é este tão sem razão que vos **toma**?*

(62) ...porem eu rrogo a todolos que esta ystoria lleren que me non ajam por proluxo en meu escrever, temdo que o **fundamento** foy **tomado** a bõa fim.

(62) *...por isso eu peço a todos que lerem essa história que não me tenham por prolixo no meu escrever, pois o meu **fundamento** foi **tomado** por um bom motivo.*

O excerto (60) apresenta Si elíptico, não havendo nenhum argumento lexical. A construção *tomaren seguro* encontra-se detransitivizada, por isso a ausência do argumento O. Em (61), a construção *toma espamto* aparece invertida e separada por várias outras palavras, entre elas o O, *vos*, argumento lexical desse excerto, estando St elíptico. Em (62), temos Si elíptico, não havendo lexicalização. A construção-suporte está invertida, *fundamento tomado*, e há uma redução da valência verbal.

(63) ...& esto poderá bem ver quallquer emtemdido que dos feitos passados quiser **tomar conhecimento**.

(63) *...e isso poderá bem ver qualquer entendido que quiser **tomar conhecimento** dos feitos passados.*

(64) Mas os beesteyros que ally estavam non lhe quiserão dar aquelle vagar que lhe conpria pera acabar o que desejavan, caa se poseran en haz & começaram de tyrar, de que os mouros **tomaran rreço**.

(64) *Mas os soldados que ali estavam não quiseram lhe dar aquela folga que lhe era de direito para acabar o que desejavam; puseram-se em fileiras e começaram a atirar, do que os mouros **tomaram receio**.*

(65) ...& em esto volltaram pera tras, & parecee que foram **tomar conselho**

(65) *...e nisso voltaram e parece que foram **tomar conselho**...*

Em (63), temos St elíptico e O lexicalizado: *dos feitos passados*. O argumento encontra-se na ordem inversa, pois vem antes do verbo que ele

complementa. Em (64), temos St lexicalizado: *os mouros*. O argumento O encontra-se elíptico, podendo ser subentendido por *de que*, ou seja, há apenas uma informação dada na oração e esta é o O. Em (65), temos Si elíptico, não tendo nenhum argumento lexical nesse excerto. A característica de construções-suporte encontrada aqui é a detransitivização, pois se omite o argumento complemento.

(66) ouverão de filhar a dita zavra, non com pequena allegria sua, de que os nossos **tomaran sentydo**.

(66) ... *tiveram de tomar o dito barco, não com pouca alegria sua, do que os nossos **tomaram sentido***.

(67) **Tomaran** poren a **fusta**, na quall acharan muitas allcavallas, & figos, & amendoas.

(67) ***Tomaram** por isso a **tenda**, na qual acharam muitos impostos, figos e amêndoas*.

(68) O iffamte mamdou llogo avisar todos da maneira que aviam de ter en sua sahida & desy que nenhun não **tomasse avemtagen** da sua naao...

(68) *O infante mandou logo avisar a todos da forma como haviam de fazer na saída e desde aí que ninguém **tomasse vantagem** da sua nau...*

No excerto (66), St encontra-se lexicalizado por *os nossos* e O elíptico, retomado por *de que*, tendo, portanto, a mesma estrutura argumental de (64). Há também uma ordem inversa, pois O aparece antes do verbo-suporte *tomaran sentydo*. Em (67), temos Si elíptico, não havendo argumentos lexicalizados. Isso implica novamente na detransitivização. O excerto (68) possui dois argumentos lexicalizados: St, *nenhun*, e O, *da sua naao*. Nesse caso, não há características dos verbos-suporte.

(69) Jaa vedes o que vos estes danados quiseram fazer, pois Deus nos traz tempo e que possais **tomar a vingamça**...

(69) *Já vês o que esses danados quiseram fazer com você, pois Deus nos traz tempo e que possais **tomar a vingança***...

(70) ...omde fez ajuntar todallas nobres pessoas do rreyno & fallou com elles sobre tam grande & danoso aqueçimento, **tomando** com elles **conselho** de como se poderia vingar.

(70) ...onde fez reunir todas as nobres pessoas do reino e falou com elas sobre tão grande e danoso aquecimento, **tomando** com eles **conselho** de como se poderia vingar.

(71) E por en queria buscar maneira como podesse **tomar esta vingança**...

(71) E por isso queria buscar um jeito de poder **tomar esta vingança**...

Em (69) e (71), temos Si elíptico, ocorrendo a redução da valência verbal em ambos. Além disso, o excerto (71) apresenta uma caracterização do SN: *esta vingança*. Em (70), temos St elíptico, mas O está lexicalizado: *com elles*. Esse argumento encontra-se no meio do verbo-suporte, o que é uma de suas características.

Os excertos seguintes ((72) a (88)) foram extraídos do *Leal Conselheiro*, pertencente ao século XV:

(72) E quando sentirmos a perda delles prestes pera vñr, ou que ja recebemos, padecemos tristeza, como a esperiencia bem demostra, que nom **tomam** dos pecados **grande sentido**...

(72) E quando sentirmos a perda deles prestes a acontecer, ou que já recebemos, padecemos tristeza, como a experiência bem demonstra, que não **toma grande sentido** dos pecados...

(73) E por hũ vaso d'agua fria prometeo que sem boo gallardom nom passara, de que devemos **tomar estes avisamentos**:

(73) E prometeu, por um vaso de água frio, que não passará sem boa recompensa, de que devemos **tomar estes avisos**:

(74) Do avysamento por as partes suso scriptas, e da fiança e confiança. Daquesto sobressy se deve **tomar avysamento**, nom fallando da special graça que per ssy soo faz mudar todas condições e discrições...



(74) *Do aviso por partes acima escritas, e da confiança. Deste sobre si se deve **tomar aviso**, não falando da especial graça que por si só faz mudar todas as condições e descrições...*

(75) E se nom podes vïr a perfeiçom de virtudes, por que nom podes percalçar comprida purgaçom de todollos pecados, **toma** em ty **piadoso cuydado** da purgaçom dos pecados alheos.

(75) *E se não podes vir à perfeição de virtudes, por que não podes percalçar grande purgação de todos os pecados, **toma** em ti **piadoso cuidado** da purgação dos pecados alheios.*

Em (72), o St encontra-se elíptico, sendo O o argumento lexicalizado: *dos pecados*. Esse argumento foi colocado em ordem inversa, no meio da construção-suporte, o que caracteriza esse tipo de construção. Há, ainda, uma caracterização do SN, o que não seria possível com o verbo pleno: *grande sentido*.

Nos excertos (73) e (74), temos o Si elíptico, ocorrendo a redução da valência verbal. Nesses casos, não há informações novas nas orações. Em (73), há também uma caracterização do SN: *estes avisamentos*. Em (75), St encontra-se elíptico, estando O lexicalizado: *da purgaçom dos pecados alheos*. Assim como em (72), há uma caracterização do SN: *piadoso cuydado*.

(76, 77, 78) E por que esta doutrina singullarmente he dada e ordenada pera aquelles que som spirituaaes, pollos quaaes specialmente foy scripto, saibham estes que, pero que a afeiçom carnal a todos homeens geralmente seja periigosa e de grande dampno, a elles porem he muyto mais que a outro nehũũ, mayormente quando **tomam** **conhecença, converssaçom e famyliarydade** com algũa molher que he ou parece spiritual...

(76, 77, 78) *E por que esta doutrina singularmente é dada e ordenada para aqueles que são espirituais, para os quais especialmente foi escrito, saibam estes que, ainda que a afeição carnal seja geralmente perigosa e de grande dano a todos os homens, a eles (aos clérigos) é muito mais que a qualquer outro, maiormente quando **tomam***

*conhecimento, conversação e familiaridade com alguma mulher que é ou parece espiritual...*

(79) Por a qual razom, assy como insenssyvees feictos, caae muytas vezes em grandes erros sem **tomarem** dello **sentido**...

(79) *Razão pela qual, assim como insensíveis feitos, caem muitas vezes em grandes erros sem **tomarem sentido** dele...*

(80) E ainda **tomam vergonha** declarar as circumstancias que som chegadas a este amor...

(80) *E ainda **tomam vergonha** declarar as circunstâncias que são chegadas a este amor...*

Em (76), (77) e (78), temos três SNs sendo usados com o mesmo verbo-suporte. Dessa forma, as três construções terão os mesmos argumentos: St elíptico e O lexical: *com algũa molher*. Nessa construção suporte, não há caracterizações específicas desse tipo de verbo, como já havia ocorrido em outras construções.

Nos excertos (79) e (80), St está elíptico e O está lexicalizado: *dello* e *declarar as circumstancias*, respectivamente. Em (79), temos também uma inversão da ordem, pois *dello* encontra-se no meio da construção-suporte.

(81) E esto avonda seer dicto desta materia, pera que aquelles que esto esguardarem e quyserem seguir o camynho da limpeza, per esta doutrina **tomem voontade** de encamynhar pella vya sem magoa...

(81) *E isto abunda ser dito dessa matéria, para que aqueles que considerarem isso e quiserem seguir o caminho da limpeza, por esta doutrina **tomem vontade** de encaminhar pela via sem mágoa...*

(82) Nom te atrevas soo com molher morar em essa medês casa, nem **tomes confiança** na castidade em que antes vyveste...

(82) *Não te atrevas a morar sozinho na mesma casa com uma mulher, nem **tomes confiança** na castidade em que antes viveste...*

(83) ...os amores nunca dam repouso por fazerem contentar de muy pequeno bem, assy como de hũa boa maneira d'oolhar, gracioso riir, ledto fallar, amoroso e favoravel geito, e de tal contrairo se assanham, **tomam sospeita**, cããe em tristeza...

(83) ...os amores nunca dão repouso porque fazem se contentar com um bem muito pequeno, assim como de uma boa maneira de olhar, gracioso rir, bonito falar, amoroso e favorável jeito, e de tal contrário se irritam, **tomam suspeita**, caem em tristeza.

(84) Mas todo nosso cuydado e movymento de nosso coração deve de sseer occupado em **tomar conselho** das cousas honestas...

(84) Mas todo nosso cuidado e movimento de nosso coração deve ser occupado em **tomar conselho** das coisas honestas...

Os excertos (81) e (82) apresentam St elíptico e O lexicalizados, sendo seus argumentos, respectivamente, *de encamynhar pella vya sem magoa e na castidade*. Nesses dois casos, não há características próprias do verbo-suporte.

Em (83), Si está elíptico, não havendo argumentos lexicais nesse excerto. Isso expõe uma das características das construções-suporte: a detransitivização. Em (84), St está elíptico, mas O aparece lexicalizado: *das cousas honestas*. Assim como em (81) e (82), não há caracterizações específicas.

(85) Os pecados da boca som estes: acostumado juramento, perjurio, brASFemia, o nome de deos sem **reverencia tomar**...

(85) Os pecados da boca são estes: acostumado juramento, perjúrio, blasfêmia, o nome de Deus sem **tomar reverência**...

(86) Algũas vezes, por que os outros mais temam, e que **tomem** dally **exemplo** de vyver.

(86) Algumas vezes, por que os outros mais temam, e que **tomem** dali **exemplo** de viver...

(87) A segunda teençom he aver certa e determynada creença da pratica dos sacramentos, das virtudes, pecados e malles, segundo pella sancta igreja he determynado, assy que ajamos por virtudes o que ella determyna, e por mal e pecado o que ella ouver, creendo sobr'ello confissores e leterados aprovados e de boa vyda, e pessoas virtuosas da maneira de nosso vyver no que soubermos que entendem e bem praticam, nom querendo sobre esto **tomar teençõões speciaaes**, mas concordar e sujuçar nosso coração aa geral entençom e determynaçom aprovada, em que nom aja remordamento de consciencia.

(87) *A segundo tenção é ter certa e determinada creença da prática dos sacramentos, das virtudes, pecados e males, segundo é determinado pea Santa Igreja, assim que tenhamos por virtudes o que ela determina, e por mal e pecado o que ela tiver, crendo sobre ele confissões e letrados aprovados e boa vida, e pessoas virtuosas da maneira de nosso viver no que soubermos que entendem e bem praticam, não querendo sobre isso **tomar tenções especiais**, mas concordar e subjugar nosso coração à geral intenção e determinação aprovada, em que não haja remorso de consciência.*

(88) ...e aalem desto, se lhe comprir, **tome conselho** doutro mylhor fisico.

(88) *...e, além disso, se lhe cumprir, **tome conselho** de outro melhor fisico.*

Em (85), Si está elíptico, não tendo argumentos lexicais na frase. A construção-suporte desse excerto encontra-se na ordem inversa, apresentando o SN antes do verbo: *reverencia tomar*. Em (86), temos St elíptico, estando O lexicalizado: *de vyver*. Além disso, há um vocábulo no meio da construção: *dally*, o que só é possível com verbos-suporte.

No excerto (87), Si encontra-se elíptico, assim como em (85). Apresenta, porém, uma caracterização para o SN, *teençõões speciaaes*, que dessa vez não se encontra antes do SN, fugindo ao padrão até agora observado. Em (88), temos St elíptico e O lexicalizado: *doutro mylhor fisico*. Não há características específicas das construções-suporte.

Os excertos seguintes ((89) a (95)) foram extraídos da *Crónica dos Reis de Bisnaga*, pertencente ao século XVI:

(89) ...e que lhe pedia que **tomasse cuidado** de seu reyno, e o entregase a seus filhos...

(89) *...e que lhe pedia que **tomasse cuidado** de seu reino e o entregasse a seus filhos...*

(90) ...e que com ysto lhe darya sua molher e tomaria suas terras, o quoaal **conselho** elle **tomou**...

(90) *...e que com isso lhe daria sua mulher e tomaria suas terras, **conselho** que ele **tomou**...*

(91) ...elrey **tomou** por yso **gramde sentimento**...

(91) *...el-rei **tomou** por isso **grande sentimento**...*

O excerto (89) apresenta St elíptico e O lexicalizado: *de seu reyno*. Dessa forma, esse verbo-suporte não se caracteriza conforme essas construções. Em (90), observamos essas características: ordem inversa e relativização. A relativização é feita pela estratégia cortadora, ou seja, sem o uso da preposição. A construção desse excerto, *quoaal conselho elle tomou*, apresenta o Si lexicalizado, *elle*, e usado no meio do verbo-suporte.

Em (91), temos Si lexicalizado: *elrey*, ou seja, há uma informação nova na função de sujeito. Além disso, a construção-suporte *tomou sentimento* tem seu SN caracterizado por *gramde*, que se encontra no meio da construção, seguindo a estrutura que mais tem sido vista até agora.

(92) Tanto que foy lida dise que, sem outro mais acordo, se fizesem prestes, que elle detreminava de **tomar do tall vingança**...

(92) *Tanto que foi lida, disse que, sem mais outro acordo, se fizessem prestes, que ele determinava de **tomar da tal vingança**...*

(93) ...ouuesse de vir aquella guerra que por se **tomar vingança** delle...

(93) *...houvesse de vir aquela guerra que por se **tomar vingança** dele...*

(94) ...então **tomaras** juntamente a **vingança** de hũu e de outro.

(94) ...então **tomarás** juntamente a **vingança** de um e de outro.

(95) ...não **tomeis trabalho** em virdes ca, que eu vos hirey buscar...

(95) ...não **tomeis trabalho** em virdes aqui, que eu vos irei buscar...

Em (92), Si está lexicalizado: *elle*. A construção-suporte *tomar vingança tem seu SN caracterizado por tall*, fato comum nessas construções Em (93), St encontra-se elíptico havendo a lexicalização do O: *delle*. Não há características próprias do verbo-suporte nesse excerto, assim como em (95). Em (94) e (95), temos St elíptico e O lexicalizado: *de hũu e de outro* e *em virdes ca*, respectivamente. Em (94), temos, ainda, o advérbio *juntamente* inserido no meio da construção-suporte.

Os excertos seguintes ((96) a (106)) foram extraídos da *Crónica de el-rei D. Affonso V (Vol. II)*, pertencente ao século XVI:

(96) E isto ordenaram assi os contrairos do Infante, porque se receiaram que elle com a vista e confiança do Infante D. Anrique **tomaria** por ventura **atreuimento** de se vir com elle á corte...

(96) *E ordenaram isso assim os contrários ao Infante, porque recearam que ele, com vista e confiança do Infante D. Anrique, tomaria por ventura atreuimento de se vir com ele à corte...*

(97) E o claro conhecimento que o duque na vespera da **affronta d'isto tomou**...

(97) *E o claro conhecimento de que o duque na véspera tomou afronta disso...*

(98) ...e porque as respostas redundavam todas em louvores e perfeições d'El-Rei, o Infante mostrava por isso **tomar muita gloria**...

(98) *...e porque as respostas redundavam todas em louvores e perfeições d'El-Rei, o Infante mostrava por isso tomar muita glória...*

(99) O conde d'Abranches **tomou** só **outra conclusão**, ás dos outros que aponteí em todo contraira, allegando e tocando com largas palavras, muitas causas, razões e exemplos de Principes passados...

*(99) O conde d'Abranches tomou só outra conclusão às dos outros que aponteí em todo contrária, alegando e tocando com largas palavras, muitas causas, razões e exemplos de príncipes passados...*

Nos excertos (96) e (97), temos dois argumentos lexicalizados em cada: St e O; em (96), St *elle* e O *de se vir com elle á corte*; em (97), St *o duque* e O *d'isto*. Em ambos os excertos, há inserções no meio da construção-suporte. Além disso, em (97), há uma inversão da ordem, estando o SN antes do verbo.

Em (98), Si apresenta-se lexicalizado: *O Infante*. Ocorrem nesse excerto duas características do verbo-suporte: a detransitivização, não-exigência do argumento O, e a caracterização do SN: *muita gloria*. Em (99), temos novamente dois argumentos lexicalizados, sendo St *O conde d'Abranches* e O *ás dos outros que aponteí em todo contraira*. Há também a caracterização do SN: *só outra conclusão*. Então, nestes quatro excertos temos informações novas na função de sujeito.

(100) ...e como quer que tenho outros bons criados e servidores, que por suas bondades folgariam e não se escusariam de morrer comigo, porém em vós sobre todos **tomei esta confiança**...

*(100) ...e ainda que eu tenha outros bons criados e servidores, que por suas bondades folgariam e não se escusariam de morrer comigo, por isso tomei esta confiança em vós sobre todos...*

(101) ... cuja gente, e pela maior parte de pé, não podendo sofrer tanta força, com tamanho medo e perigo esquecidos do amparo e defesa do Infante, o leixaram e começaram de **tomar a fugida** por sua salvação...

*(101) ...cuja gente, a maior parte em pé, não podendo sofrer tanta força, com tamanho medo e perigo esquecidos do amparo e da defesa do Infante, deixaram-no e começaram a tomar a fuga pela sua salvação...*

(102, 103) ...dizendo elle que suas mesas deviam ser escollas de sua côrte, para que costumava mandar ler proveitosos livros, e ter praticas e disputa, de que se **tomava muito ensino e doutrina**.

*(102, 103) ...dizendo ele que suas mesas deviam ser escolas de sua corte, para que costumava mandar ler proveitosos livros e ter práticas e disputa, para as quais se tomava muito ensino e doutrina.*

No excerto (100), temos St elíptico e dois argumentos para O: *em vós* e *sobre todos*. A construção *tomei confiança* tem o seu SN caracterizado por *esta*. O excerto (101) apresenta o Si elíptico, exemplificando a característica de redução da valência verbal. Além disso, há um artigo no meio da construção-suporte: *tomar a fugida*.

Em (102) e (103), observamos duas construções partindo de um mesmo verbo: *tomava muito ensino e doutrina*. Dessa forma, possuem também o mesmo Si, que nesse caso está elíptico. Na primeira construção, há uma caracterização do SN após o verbo: *muito ensino*. Além disso, há uma detransitivização em ambas as construções.

(104) E concertado o dia em que os haviam de levar á Batalha, El-Rei e a Rainha se foram diante para os esperar no mosteiro da Batalha, a que foram chamados e vieram todos os senhores e senhoras principaes do reino, salvo o Infante D. Fernando, e o marquez de Valença, que **tomaram outra opinião** contraira ao prazer e contentamento da Rainha.

*(104) E concertado o dia em que os haviam de levar à batalha, el-rei e a rainha se foram diante para os esperar no mosteiro da Batalha, a que foram chamados e vieram todos os principais senhores e senhoras do reino, exceto o Infante D. Fernando e o marques de Valença, que tomaram outra opinião contrária ao prazer e contentamento da rainha.*

(105) E ao outro dia quarta-feira pela manhã, os mouros saíram todos com suas mulheres, filhos, e fazendas sem algum receber nojo, dano, nem alguma outra semrazão, de que os mouros vendo tanta e tão segura verdade nos christãos, **tomaram** em seu mal **muito conforto**.

*(105) E no outro dia, quarta-feira de manhã, os mouros saíram todos com suas mulheres, filhos e fazendas, sem que fosse prejudicado por isso ou por*



*outro motivo, de modo que os mouros, vendo tanta e tão segura verdade nos cristãos, tomaram em seu mal muito conforto.*

(106) E com isto eram tão cansados e tristes, como os christãos pelo contrairo; porque no testemunho e prova de seus alegres rostos e esforçados corações, em especial na segurança e valentia de seu capitão, tomavam todos esperança de sua honra, resistencia e desejada defesa.

*(106) E eram tão cansados e tristes com isso, ao contrário dos cristãos, porque no testemunho e na prova de seus alegres rostos e esforçados corações, em especial na segurança e valentia de seu capitão, tomavam todos esperança de sua honra, resistência e desejada defesa.*

Em (104), St encontra-se elíptico, sendo O o argumento lexicalizado: *contraira ao prazer e contentamento da Rainha*. Há também a caracterização do SN no meio da construção, como de costume: *tomaram outra opinião*. Em (105), temos dois argumentos expressos lexicalmente: St *os mouros* e O *em seu mal*. O argumento O vem no meio da construção-suporte, caracterizando a ordem inversa. Além disso, há uma caracterização do SN, feita pelo advérbio *muito*. Em (106), também estão lexicalizados St e O: *todos e de sua honra, resistencia e desejada defesa*, respectivamente. Nesse excerto, há uma ordem inversa, pois o sujeito está no meio da construção-suporte.

Passaremos, a seguir, à discussão dos dados, comparando os dados das pesquisas anteriores a esses agora obtidos.

### 4.3 Discussão dos dados

Após a análise da estrutura argumental das construções com o verbo-suporte *tomar*, percebemos que há estruturas que ocorrem mais vezes nos *corpora* selecionados, como St elíptico com O lexicalizado e Si elíptico. Encontramos, também, em menor escala, orações com Si lexicalizado e orações com O elíptico. Como podemos notar na tabela a seguir:

**Tabela 5: Análise sintática dos verbos**

	XIII-XIV	XV	XVI	Total
Si elíptico	1,64 %	13,93 %	2,46 %	18,03 %
Si lexicalizado	-	4,10 %	3,28 %	7,38 %
St elíptico	0,82 %	20,49 %	4,92 %	26,23 %
St lexicalizado	-	5,74 %	4,10 %	9,84 %
O lexicalizado c/ 1 argumento	0,82 %	25,41 %	8,19 %	34,42 %
O lexicalizado c/ 2 argumentos	-	0,82 %	0,82 %	1,64 %
O elíptico	-	2,46 %	-	2,46 %
<b>Geral</b>	<b>3,28 %</b>	<b>72,95 %</b>	<b>23,77 %</b>	<b>100,00 %</b>

Foram analisados dois textos dos séculos XIII-XIV, quatro do século XV, e dois do século XIV. Essa diferença deu-se pela maior disponibilização de textos do século XV do que dos outros.

Não foram encontradas muitas construções-suporte nos textos dos séculos XIII-XIV, por isso a baixa porcentagem dos itens. O século XVI, com a mesma quantidade de textos que este, dois, obteve porcentagens maiores.

Observamos que há uma preferência por, no máximo, um argumento lexicalizado, como já tínhamos visto nas pesquisas com o português atual. Nessa tabela, podemos perceber exceções, como 2 argumentos lexicais para O, além dos casos em que há dois argumentos lexicais sendo um St e o outro O. Essa preferência confirma a regra de restrição gramatical apontada por Antonio (1998), segundo a qual há no máximo uma informação nova por oração, a qual seria a informação lexicalizada. Isso se explica pelo fato de que usar mais de uma informação nova dificulta a continuidade do texto e, conseqüentemente, o entendimento do leitor/ouvinte.

Com relação às construções-suporte, percebemos que a maioria delas ocorreu, nos *corpora* selecionados, configurada de alguma forma pelas características específicas dessas construções. Na tabela 6, podemos observar essas características:

**Tabela 6: Características do verbo-suporte**

	XIII-XIV	XV	XVI	Total
Caracterização do SN	1,18 %	17,65 %	9,41 %	28,24 %
Detransitivização	2,35 %	23,53 %	8,23 %	34,11 %
Relativização	-	7,06 %	1,18 %	8,24 %
Ordem inversa	-	24,70 %	4,70 %	29,40 %
<b>Geral</b>	<b>3,53 %</b>	<b>72,94 %</b>	<b>23,53 %</b>	<b>100,00 %</b>

Nessa tabela, podemos perceber, também, um maior destaque do século XV, pois, ainda que haja mais textos desse século, a quantidade de características apresentadas é bem maior.

Houve muitos casos de detransitivização (34,11% do total), fato que gerou os muitos Si dos *corpora*. Encontramos, também, grande quantidade de SN caracterizados, muitas vezes no interior do verbo-suporte, o que não seria possível com a forma plena do verbo.

Não encontramos relativização nas poucas ocorrências dos séculos XIII-XIV e apenas poucas ocorrências dessa característica no século XVI, tendo o século XV a maior porcentagem.

Em relação à ordem inversa, não a encontramos, também, nos séculos XIII-XIV; 24,7% das ocorrências são pertencentes ao século XV e 4,7%, ao século XVI.

Dessa forma, percebemos que a característica predominante foi a detransitivização, ou seja, a redução da valência verbal, explicitada pelos muitos Si, lexicais ou elípticos, encontrados nos *corpora* (25,41% somados). Essa estrutura sem complementos verbais também foi comprovada por Araújo e Cunha (2007), pois esses autores encontraram em sua pesquisa uma preferência por verbos de ação sem complementos.

A estrutura argumental preferida, por sua vez, foi St elíptico + O lexicalizado e, em segundo lugar, Si elíptico, comprovando a teoria de que, havendo uma informação nova, ela geralmente estará no objeto e não no sujeito.

Assim sendo, vimos que no português arcaico já havia uma estrutura argumental preferida e que ela já apresentava uma estrutura bem semelhante à do português atual.

## Considerações finais

Esta pesquisa realizada com as construções formadas pelo verbo-suporte *tomar* revelou-nos alguns padrões para tais construções, pouco documentadas, mas muito recorrentes na língua portuguesa desde a fase arcaica.

Nos excertos extraídos de textos dos séculos XIII a XVI, comprovamos a ocorrência do verbo *tomar* como verbo-suporte e também de caracterizações próprias dessas construções.

A característica mais frequente foi a detransitivização, redução da valência verbal, com 34,11%. Em seguida, também com bastante recorrência, encontramos as caracterizações do SN, que não seria possível com um verbo pleno, com 28,24%.

Em poucos excertos, pudemos verificar a relativização, estratégia empregada na construção de orações relativas, tendo obtido apenas 8,24% do total. Observamos, ainda, a ocorrência da ordem inversa, ou seja, em algumas construções o SN vinha anteposto ao verbo *tomar* com o qual construía o verbo-suporte.

No excerto (44), pudemos encontrar todas essas características juntas:

(44) E por em, amtre aquelles que viviam naquella esperança de tornar a cobrar a çidade, se ajumtarão allgũs & fallarão amtre sy sobre **aquella demamda que queriam tomaar...**

(44) *E por isso, entre aqueles que viviam naquela esperança de tornar a cobrar a cidade, ajuntaram-se alguns e falaram entre si sobre aquela demanda que queriam tomar...*

Nesse excerto, não há complementos para o verbo, o SN é caracterizado por *aquella*, há uma relativização e a ordem encontra-se invertida.

Em relação à Estrutura Argumental Preferida, observamos que a EAP do português arcaico segue as regras de preferência do português atual, encontradas nas pesquisas de Pezatti (2002), Antonio (1998) e Araújo e Cunha (2007), ou seja, há uma preferência pelo não uso da informação nova no sujeito, sendo este, na maioria das vezes, elíptico (Si ou St). A estrutura mais recorrente foi St elíptico + O lexicalizado, ou seja, com apenas um argumento novo por oração. Em raros casos, ocorreu o inverso: o argumento lexicalizado foi St enquanto O estava elíptico. Em alguns casos, havia,

ainda, dois argumentos lexicalizados, algumas vezes sendo um o St e o outro o O e, outras vezes, tendo dois objetos lexicalizados para a mesma construção.

Diante desses resultados, consideramos que os objetivos foram alcançados, uma vez que a proposta foi observar a EAP, analisar as construções-suporte e comparar os dados desta pesquisa com as preexistentes, os quais foram bem semelhantes. Esperamos, assim, ter contribuído para o estudo dessas construções que estão cada vez mais presentes na nossa comunicação. Objetivamos, ainda, que essa pesquisa abra caminho para que novos estudos sejam feitos sobre este tema.

## Referências

ANTONIO, J. D. *Narrativas orais e narrativas escritas: a Estrutura Argumental Preferida, e outras preferências*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Unesp, Araraquara, 1998, p. 15-33 e 74-115.

\_\_\_\_\_. *Estrutura argumental preferida: uma análise funcionalista dos padrões de uso dos argumentos dos verbos em narrativas orais e em narrativas escritas*. Estudos Linguísticos XXXIV, janeiro-abril, 2007 p. 3-11.

ARAÚJO, F. de C.; CUNHA, M. A. F. da. *A estrutura argumental dos verbos de ação*. Pública III, 2007, p. 28-35.

ARIM, E.; RAMILO, M. C.; FREITAS, T. *Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses*. ILTEC, 2005. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-redip-relativas.pdf>> Acesso em 09 jun 2010.

ASHBY, W. J.; BENTIVOGLIO, P. *Preferred argument structure in spoken French and Spanish*. Language Variation and Change, v. 5, p. 77-90, 1993.

BARROS, J. de. *Gramática da língua portuguesa: Cartinha, gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Lisboa: Publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971[1540].

BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.) *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CAMACHO, R. G.; SANTANA, L. A expressão argumental dos nomes deverbais. *Estudos Linguísticos*. XXXIII, 2004, p. 214-219.

CHACOTO, L. Predicados nominais com o fazer no português medieval. In: *ACTAS do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga-Guimarães, 1996, p. 69-77.

CHACOTO, L. Predicados nominais com fazer no português medieval. *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa: Colibri, 1997.

CHAFE, W. *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980.

\_\_\_\_\_. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al. (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987.

\_\_\_\_\_. Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

CHAURAND, Jacques. Les verbes-supports en ancien français: doner dans les oeuvres de Chrétien de Troyes. *Lingvisticae Investigationes*. VII:1, Amsterdam: John Benjamins B.V, 1983.

CONEJO, C. R. *O verbo-suporte fazer na língua portuguesa: um exercício de análise de base funcionalista*. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UEM, Maringá, 2008.

CROFT, W. (1990) *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press.

CUNHA, A. G. (1997). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 2. ed, RJ.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

*Dicionário do Português Medieval*. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.

\_\_\_\_\_. *The Discourse Basis of Ergativity*. *Language*, v. 63, p. 805-855, 1987.

DUTRA, Rosália. *The hybrid S category in Brazilian Portuguese: Some implications for word order*. To appear in *Studies in Language* 11. 1987.

FRAGOSO, L. da C. P. L. *A gramática funcional e o processo de gramaticalização*. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Vol. II no.VI. Julho - Setembro de 2003. Disponível em: [http://www.unigranrio.br/unidades\\_acad/ihtm/graduacao/letras/revista/numero6/textolune2.html](http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihtm/graduacao/letras/revista/numero6/textolune2.html).> Acesso em 28 out 2009.

GABELENTZ, G. *Die Sprachwissenschaft: Ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse*. Leipzig: Weigel Nachf, 1891.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). *Introdução a gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P., MORGAN, J. L. *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. v. 3, p. 41-58.

GIRY-SCHNEIDER. J. *Les prédicats nominaux en Français*. Les phrases simples à verbe support, Genève: Droz, 1987.



HAIMAN, J. *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B. et. al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HINTZE, A. C. J. *Conexões perifrásticas: um estudo sobre as funções de expressões gramaticalizadas*. 2003. Tese (Doutorado)–Programa de Pós–Graduação em Letras, Unesp, Araraquara, 2003, p. 68-84.

\_\_\_\_\_. O uso das construções com verbos-suporte em textos do discurso universitário In: CONALI – CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO. 1., 2006, Maringá. *Anais...* Maringá, 2007, p. 445-452.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1993.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Instituto Antônio Houaiss.

LEHMANN, C. *Thought on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thought on Grammaticalization: a Programatic Sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1.), 1995 [1982].

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização, (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de ‘assim’. *Estudos Lingüísticos*. XXXV, p. 1772-1779, 2006. [ 1772 / 1779 ]

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (orgs.) *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: Edufba/UEFS, 2002. p. 119-142.

NEVES, M. H. de M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In Koch, I. G. V. (org.) *Gramática do Português falado VI: desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp, Fapesp, 1996, p. 201-231.

\_\_\_\_\_. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In Crhistiano, M. E. A.; Silva, C. R.; Hora, D. da. (orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise e ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

\_\_\_\_\_. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PAUL, Herman. *Prinzipien der sprachgeschichte*. Tradução portuguesa de Maria Luisa Schemann: Princípios fundamentais da história da língua. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1886.

PAVEAU, M-A; SARFATI, G-É. *As grandes teorias da Linguística*. (Trad. Rosário Gregolin et al). São Carlos: Claraluz, 2006, p. 135-145.

PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, p. 275-299.

PEZATTI, E. G. O princípio da adjacência e o grau de integração entre verbo e objeto. In: *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. Vol.17 no.2 São Paulo, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502001000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000200007)>. Acesso em 20 jan 2010.

\_\_\_\_\_. Estrutura Argumental e Fluxo de Informação. In Koch, I. G. V. (org.) *Gramática do Português falado VIII: Novos estudos*. Campinas, 2002.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: Edufba, 2002.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

RANCHHOD, E. M. *Construções com nomes predicativos na Crônica Geral de Espanha de 1344*. s/d. Disponível em <http://label.ist.utl.pt/publications/docs/Cintra.pdf>. Acesso em 13 mai 2008.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ADA no português do Brasil*. Campinas: Instituto de Estudos de Linguagem, Unicamp, 2004 (Tese de Doutorado).

SOUZA, A. dos S. Tempo e espaço: a gramaticalização do item *onde* em textos religiosos (Séculos XIV, XVI e XXI). 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UEM, Maringá, 2007, p. 16-32.

VIEIRA, M. dos S. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 362 fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, 2001.

\_\_\_\_\_. *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*. Disponível em <<http://www.letas.ufrj.br/posverna/docentes/72873-2.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2008